

INSTITUTO MILITAR DE ENGENHARIA
CURSO DE EXTENSÃO – FILOSOFIA DO HOMEM

NOTAS DE AULA

PROFESSOR LUCIANO MENEGALDO – SE/4
e-mail: lmeneg@ime.eb.br

JULHO de 2007

Módulo 2 - Razão e sentimentos

Modelo platônico do homem

Devemos dizer que os dois modelos antropológicos que vamos estudar, o platônico e o aristotélico, não são nem de longe os únicos, mas vamos nos ater a eles por enquanto, já que o nosso foco é a filosofia clássica.

Na realidade, o modelo que vamos adotar no nosso estudo é o aristotélico, predominantemente. Mas vejamos antes, e rapidamente, o platônico, que é cronologicamente anterior. Além disso, a partir de algumas premissas platônicas, em contraposição a elas entenderemos melhor Aristóteles.

O modelo platônico é extremamente sofisticado e interessante, fortemente baseado na própria mitologia grega. Vamos ver em grande traços e de maneira muito superficial, por que a maior parte do nosso estudo será feito com o modelo aristotélico.

Platão é essencialmente um dualista. Bom, mas bom mesmo é a alma. A alma é a essência do corpo (essência no sentido filosófico, que estudaremos mais para a frente).

O corpo é um fardo, uma prisão. Uma tumba na qual está encerrada a alma. Corpo=soma que vem do conceito pitagórico de sema=tumba.

As almas têm existência eterna: lá estavam elas, em contemplação e mundo das idéias quando caíram e homem passa a viver no mundo sensível.

Existem dois mundos: o mundo das idéias ou das formas e o mundo da matéria. O bom, o verdadeiro, o da lata, é o mundo das formas, eterno, indivisível, imutável. O mundo da matéria é instável, aparente, tenta imitar sem muito sucesso o mundo das formas. Conhecimento mesmo é o do mundo das formas, que inferimos toscamente do mundo da matéria.

Quando o Demiurgo cria uma alma, a dota de três princípios anímicos, simbolizados por um cocheiro conduzindo dois cavalos, um branco e um negro. O cocheiro, Nous ou Logos, é racional, inteligente, divina e está no cérebro. Cavalos branco, Thymos, é irracional, representa as paixões nobres, está localizada no tórax. É mortal por que está intimamente ligada ao corpo. E o cavalo negro, Ephytimia, é a alma apetitiva, de tendências menos nobres, mortal, situada no abdômen.

Quando o Demiurgo criou as almas (lá na eternidade) o pessoal começava a olhar para cima, para o mundo das idéias, mas os cavalos antes ou depois se desgovernavam (paixões) e o homem acabava caindo no mundo da matéria.

O filósofo é quem conseguiu olhar mais tempo para o mundo das idéias antes de cair, e quem anseia por morrer, para voltar a contemplar as idéias novamente.

O verdadeiro conhecimento é no fundo lembrar das formas eternas que estavam no mundo das idéias. Conhecer é lembrar. Quando o homem se depara com as coisas, elas as fazem lembrar das idéias do mundo das idéias: reminiscência ou anamnesis. As musas, na mitologia grega, são filhas de Mnemosine, deusa da memória, e têm justamente a função de lembrar a criação de Zeus através dos cânticos e das artes.

Platão acreditava na transmigração das almas, ou metempsicose. No Timeu, ele diz o seguinte: que todos os homens foram criados masculinos, na 1ª criação. Depois, se fizeram besteira, reencarnam como mulheres. Se deixarem de fazer, voltam a ser homens. Se continuarem a fazer besteira, vão encarnando em bichos, até se tocar, voltar a ser homem, até desencarnar de Deus. Será interessante ver logo mais como esta doutrina é completamente incompatível com a filosofia de Aristóteles.

O problema moral em Platão é sobretudo um problema de conhecimento. É uma herança fortemente Socrática, a meu ver. O fato de conhecer a verdade e o bem leva a fazê-lo, de modo automático. Mas sabemos que a coisa não é bem assim: Cor 7, 21-24: “Infeliz de mim, não faço o bem que quero, mas o mau que não quero, quem me livrará deste corpo de morte?”

Com isso, o problema da vontade e das paixões não fica totalmente resolvido, mas encaminhado de certo modo. No fundo querer o mau é para Platão é querer um bem aparente, ou o que tem aparência boa no mau. Nós fazemos aquilo que amamos, ainda que o objeto do nosso amor seja falsamente amável, daí o mau.

Em Aristóteles, o núcleo do problema está não tanto na apreensão do bem, mas na deliberação que precede o agir, no intelecto prático que é a sede da virtude da prudência. Tema a ser estudado mais para a frente. Platão é o grande nome do IDEALISMO, enquanto Aristóteles é do REALISMO. Isso não quer dizer que sejam propriamente dois pólos que se confrontam, mas de linhas de pensamento que possuem vários pontos em comum e outros

opostos. Ambos tendo como o mestre comum Sócrates, além do que Aristóteles foi aluno do Platão (sem simplismos dialéticos).

Metafísica Aristotélica

Para tentar entender um pouco melhor as diferenças das duas concepções metafísicas de Platão e Aristóteles. A metafísica de Aristóteles está fundada sobre a chamada **composição hilemórfica** dos seres. Todo ser possui um princípio material que lhe confere existência física, a chamada matéria, e um princípio formal, uma in-formação intrínseca ao seu próprio ser que faz com que aquele ser seja aquilo que é.

É parecido mas é diferente de falar que a forma da cadeira é a forma externa de cadeira e a matéria a madeira. Não é isso, é uma cadeiridade que está no íntimo da estrutura do ser cadeira que a faz ser cadeira, e não outra coisa. Nem a matéria precisa ser material. Uma ação humana livre qualquer, como uma intenção ou um desejo, possui como matéria o fato de existir, e o fato de ser um desejo e não uma tristeza como forma.

Tudo que é (ENTE) em Aristóteles é composto de dois princípios:

EST: Matéria prima, ou potencialidade absoluta de ser qualquer coisa

QUOD EST: Forma substancial, princípio que especifica a coisa como o que ela efetivamente é

ENTE	
<i>EST</i>	<i>QUOD EST</i>
ATO DE SER (É) MATÉRIA PRIMA (EXISTE MATERIALMENTE) SUBSTÂNCIA (EXISTE COMO TAL)	ESSÊNCIA (É ISSO) FORMA SUBSTANCIAL (EXISTE COMO SENDO TAL COISA) ACIDENTES (TEM ESSAS CARACTERÍSTICAS)

Os acidentes possuem forma, mas a sua forma só existe na substância, não fora dela. São formas secundárias do ser, enquanto a substância é a forma primária.

E a essência é o objeto próprio da inteligência humana¹. A capacidade que temos de dizer: é isso. Através da observação dos acidentes pelos sentidos chega à essência.²

¹ Para um estudo sistemático das possibilidades humanas do conhecimento da verdade, ver A. Llano, Gnosologia Realista, Inst. Br. Filosofia e Ciência Raimundo Lulio, São Paulo, 2004.

² E nós conseguimos raciocinar em cima das essências, sem as notas particulares dos seres individuais. Quando pensamos que o homem é um ser racional ou a soma dos ângulos internos do triângulo é 180 graus estamos pensando nas espécies homem e triângulo.

Porém, em Platão, as formas estão no mundo das Idéias, como entidades “reais”. Para Aristóteles, por sua vez, as formas só existem **na matéria**, nunca desencarnadas vagando por aí nesse ou em outro mundo.

Em Platão, as essências possuem realidade em si mesmas, enquanto em Aristóteles elas dependem do ato de ser.

Platão e Aristóteles foram também os pólos opostos de um grande debate que pegou fogo na idade média, que é a questão dos universais. Conceitos universais são as essências enquanto entendidas pelo homem (conceitos são entidades lógicas). Para Platão, os universais (conceitos universais) são metafísicos, enquanto para Aristóteles são meramente lógicos (criados pelo homem, enquanto conceitos, mas não enquanto essências).

Para os escolásticos, partia-se do princípio que as fontes eram verdadeiras no seu conteúdo e na sua expressão. Que fontes? A Revelação, e especialmente a Bíblia. As palavras que Deus quis dizer quando inspirava o hagiógrafo eram palavras verdadeiras, que correspondiam às coisas que significavam, que se se referiam às essências das coisas. Deus fala com palavras e com fatos, com as coisas, e o que fala é verdadeiro³. Daí a adesão da escolástica ao realismo filosófico onde as palavras ou conceitos correspondem às coisas significadas. Quer dizer, os universais existem, nas próprias coisas por que as coisas são verdadeiras em si mesmas⁴.

Para o nominalismo (Rosselino) as palavras que enunciam os conceitos universais são meros produtos da mente⁵ (não existem), pois o homem não tem experiência das essências, das espécies, só dos indivíduos singulares. Não conhecemos a canicidade, apenas o Rex, o Fido e a Lulu.

Quem acha uma solução intermediária do problema, muito sensata, é Pedro Abelardo. Fala em diversos aspectos do universal:

Universal ante-rem: arquétipo, a canicidade na mente de Deus. Algo próximo ao mundo das idéias de Platão. (*natureza*). Mais para o lado platônico.

Universal in-re: aquilo que está no indivíduo que provém da espécie, e não da individualidade. Os traços que não são acidentais, e sim comuns a todos os

³ “Assim: - mel se sente é na ponta da língua... O desafio. Por exemplos: - A rotação das roseiras, O ensol do sol nas pedras e folhas. O coqueiro coqueirando. As sombras do vermelho no embranqueado do azul. A baba de boi da aranha. O que a gente havia de ver, se fosse galopando em garupa de ema. Luaral. As estrelas. Urubus e as nuvens em alto vento: quando eles remam em vôo. O virar, vazio por si, dos lugares. A brotação das coisas. A narração da festa de rico e de horas alegres pobrezinhas em casa de gente pobre... (...) ele queria uma idéia como o vento. Por espanto, como o vento... Uma virtudinha espiritada, que traspassa o pensamento da gente – atravessa a idéia, como alma de assombração atravessa as paredes. (...) Não-entender, não-entender, até se virar menino. (...) Jogar nos ares montão de palavras, moedal. (...) Era só uma claridade diversa diferente... (...) Eu acho que ele queria ficar sabendo o tudo e o miúdo. (...) ... Querida era que se achasse o *quem* das coisas!”, João Guimarães Rosa, O Cara de Bronze.

⁴ Os chifres do “Conversa de Bois” pensam para eles mesmos, e pensam certo!

⁵ Para os iluministas, os universais existem a priori ou são produto da linguagem. Para os existencialistas, o ser deve ser visto como se dá na sua existência presente, fática, atual. Não é possível chegar ao conhecimento das essências.

indivíduos daquela espécie, que possuem a mesma essência⁶. Caso do cão: capacidade de latir, abanar o rabo, ter orelha, focinho, patas etc. Mas se o cão é preto, branco ou marrom, grande ou pequeno, isso provém do indivíduo, não da espécie. (*substância*). Sem a coisa em si, esse universal não existe (Aristóteles).

Universam post-rem: o conceito propriamente dito, que está na nossa mente, abstraído dos entes singulares. Que é verdadeiro, que guarda uma proporcionalidade com o ante-rem e com o post-rem. (*essência*). Universal lógico, Ockham.

Intencionalidade do conhecimento: Se o universal é apreensível e a inteligência consegue chegar num conceito que é de certo modo a essência, fica ainda um problema: quais características devem ser levadas em conta na hora de formular o universal a partir da observação dos singulares?

Por exemplo, por que o fato de latir é mais importante do que a cor na hora de chegar ao universal cão? Se o determinante fosse a cor, cão preto e sapato preto teriam a mesma essência.

Santo Agostinho, seguindo Platão, falava de uma particular *iluminação divina* que era capaz de fazer a interface entre as realidades materiais e a nossa mente, de natureza essencialmente espiritual. Uma gnosiologia intuitiva, inatista⁷, em que o conhecimento não se realiza *através* dos sentidos, mas *acima* dos sentidos. Isso está muito relacionado com o *dualismo* alma-corpo, caracteristicamente platônico-agostiniano⁸. A iluminação divina entraria para ajudar nessa separação dos acidentes mais importantes para gerar a essência⁹.

Para S. Tomás, seguindo Aristóteles, abstração é um processo puramente psicológico (sem precisar da iluminação divina), com diversas etapas.

Inicialmente, parte-se do princípio que as coisas estão *dispostas a nos dizerem o que elas são*. Mas estão como a bela adormecida, esperando o beijo do príncipe.

⁶ Algumas dessas características podem estar em potência, enquanto outras em ato.

⁷ Nesse sentido, pode-se ver uma aproximação de Agostinho e Kant.

⁸ Para uma opinião favorável a Agostinho no tocante à iluminação em detrimento da abstração tomista, ver *Coleção História Essencial da Filosofia*, Aula 16 - Xavier Zubiri e a Escolástica, Olavo de Carvalho, <http://www.erealizacoes.com.br/editora/xavier/trecho.htm>

⁹ Uma radicalização desse pensamento, no sentido em que em todas as coisas Deus está presente de algum modo se encontra em São Boaventura. Por exemplo: “O esplendor das coisas no-lo revela se não somos cegos; elas nos gritam Deus e nos acordarão se não somos surdos; devemos ser mudos, enfim, para não louvar a Deus em cada um dos seus efeitos, e loucos para não reconhecer o primeiro princípio sob tantos indícios.”, *Itinerarium mentis ad Deum*

Este autor teve grande influência na obra do maior escritor da língua portuguesa, Guimarães Rosa, que afirmava: “Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive os fatos. Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.”

Vem então o beijo do príncipe, o *intelecto agente* que ilumina a imagem observada da bela adormecida de modo que ela consiga exprimir a *species*¹⁰ *intelligibilis impressa*.

Para S. Tomás, esse intelecto agente está na própria inteligência humana. Para os aristotélicos árabes, existe um intelecto agente divino comum a todos os homens, que vem diretamente de Deus. A inteligibilidade *em potência* que está na coisa, se *atualiza* pelo intelecto agente.

O intelecto agente gera uma forma presentativa da imagem, a espécie impressa. Que é recebida pelo *intellectus possibilis* que corta, amassa, trabalha a espécie impressa até chegar no *verbum mentis*, ou conceito.

Neste processo, a beleza do ente é de grande utilidade para refletir com maior intensidade a sua própria essência, a beleza torna a espécie impressa mais inteligível. Segundo o escritor italiano Eugenio Corti¹¹, Homero tinha a capacidade de exprimir em beleza tudo o que escrevia, na forma de um canto.

Por exemplo, no canto 12 da Odisséia: “Logo que a nau, depois de deixar a corrente do rio Oceano, chegou às ondas do mar de vastos rumos e à ilha de Eeia, onde a madrugada Aurora tem a sua habitação com os seus coros e o Sol enceta o seu curso, nós aportamos sobre a areia, saímos para fora na ressaca e deitamo-nos a dormir, à espera da Aurora divina. Quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, enviei os meus companheiros ao palácio de Circe, em busca do cadáver de Elpenor. Em seguida, depois de cortar pedaços de madeira, queimamo-lo, onde a costa se elevava mais, ao mesmo tempo que derramámos, entristecidos, copiosas lágrimas. Apenas o cadáver tinha sido queimado com as armas do defunto, erigimos-lhe um túmulo com uma estela sobreposta, no cimo da qual pusemos um remo de fácil manejo.”

O objeto do conhecimento não é o conceito (nominalistas), mas a coisa real, a sua essência. Existe uma conexão fortíssima e intocável entre o ser real e o conceito que a sinaliza ao congnovente. “Universalis sunt realia”. Existe uma conveniência entre o ser e a inteligência¹².

O problema dos universais é de grande interesse para a arte. Uma das notas que define a universalidade, ou “classicismo” de uma obra é a capacidade de refletir o universal no particular (Eugenio Corti), da mesma maneira que Guimarães Rosa não é propriamente um autor “regionalista”, pela sua temática universal¹³. Vale lembrar que o universal que o ente reflete não é apenas in re,

¹⁰ Os gregos utilizavam o termo eidos para se referir à species ou intentio latina. Ver G. Corção, Dois Amores Duas Cidades pg. 33.

¹¹ Entrevista à rádio italiana Web Radio on the Air, <http://www.ascoltaradio.it/speciali/eugenio-corti.html>

¹² G. Corção, Dois amores duas cidades, “Essa é a bandeira do aristotelismo-tomista, que construiu uma catedral epistemológica para salvar a dignidade da inteligência e a generosidade do ser.”

¹³ Sempre que estiver em dúvida, jogue o sentido da frase para cima, o mais alto possível. Quase em cada frase, o sovrassenso é avante – solução poética ou metafísica. O terra-a-terra só serve como pretexto.” (27/3/1965)

JG Rosa, Cartas ao tradutor alemão Curt- Meyer-Clason

mas também o post rem (intencionalidade do conhecimento) e ante rem, o próprio Deus, na medida em que fala através de suas obras¹⁴.

Modelo aristotélico do homem

Aristóteles é um realista. Assim, a primeira coisa que ele faz é olhar. Olhando para o homem, o que podemos inferir ?

Antes de mais nada, podemos afirmar sem muita dúvida que, enquanto seres humanos, somos seres vivos. Essa é uma característica fundamental do nosso ser, que compartilhamos com todos os outros seres vivos¹⁵.

Mas surge de cara um problema: para o ser vivo, viver é ser. Um cachorro morto não é um cachorro, mas um cachorro morto. Um homem morto é um cadáver. Entretanto, nós deixamos de ser quando morremos para a vida biológica? Em certo sentido, sim. Assunto complicado¹⁶.

Aristóteles enumera várias características do vivente, que são interessantes:

- Capacidade de auto mover-se, sem precisar de um agente externo que o mova.
- Unidade: se dividirmos uma pedra, temos duas pedras. Se dividirmos um gato, não temos dois gatos.
- Imanência: existência de um mundo interior, e as ações que o ser vivo realiza possuem uma repercussão neste mundo. O cachorro come e fica satisfeito.
- A vida como processo no tempo longo: o ser vivo nunca está acabado, estático. Existe sempre uma curva vital de nascimento, crescimento, ápice, reprodução, decadência e morte.
- A vida como processo no tempo curto, ciclos vitais: a curva da vida se realiza através de processos cíclicos que vão desde microssegundos a décadas.

Estas características se aplicam essencialmente a todos os seres vivos. Pode-se porém propor uma gradação entre os diferentes seres vivos, utilizando algum critério. Aristóteles usa o *grau de imanência*: capacidade e a qualidade das coisas que cada ser vivo consegue reter em si. Desde a água e os nutrientes da planta até a gratidão em relação ao amigo.

Pode-se falar em três grandes graus vitais. Os graus superiores contêm as características dos inferiores, acrescentando outras.

1. Vida vegetativa (plantas): há 3 funções principais nutrição, crescimento, reprodução. Capacidade de transformar o inorgânico em orgânico. Cada indivíduo tem pouca importância em relação à espécie. Em geral não se dá nomes próprios às plantas. Gostaria de te apresentar o meu repolho Carlos Fernando.

¹⁴ Em G. Corção, O Desconcerto do Mundo, Ed. Agir, há um capítulo dedicado a este tema.

¹⁵ Segundo o ex-ministro Magri, cachorro também é ser humano, mas aí já é outro problema...

¹⁶ Que o cristianismo resolve com a ressurreição dos corpos.

2. Vida sensitiva (animais): anterior + resposta mais ou menos elaborada aos estímulos sensoriais. A resposta é não modificável, requer estímulo sensorial, realiza fins específicos e da espécie.

3. Vida intelectual (seres racionais): os anteriores + vida intelectual. Entre o estímulo e a resposta existe uma instância deliberativa superior. No que consiste essa instância: cérebro? Mente? Espírito? Todas as anteriores? Nenhuma das anteriores? De qualquer maneira, o grau de imanência é potencialmente muito alto. Fins muito pessoais, eventualmente bastante distintos dos da espécie.

Quer dizer: o ser racional é pessoa, muito mais do que indivíduo de uma espécie. É livre para escolher o seu fim e buscar os meios que achar mais adequados para atingi-los. No homem a biologia e o pensamento estão num certo “pé de igualdade”, ainda que uma dependa da outra. Quanta gente perde sua vida biológica por pensar mal nas suas ações? Como filosofar com a barriga vazia?

Não se tratam de duas realidades opostas e justapostas, *res cogitans* e *res extensa*, como na filosofia de Platão e depois de Descartes. Ou o corpo (soma) o túmulo da alma (psique). Um princípio mau contra um bom, maniqueu. Mas uma unidade, misteriosa é verdade. A alma não é um *ghost in the machine*, mas um princípio que gera o próprio ser do homem, *junto* com o corpo, funcionando junto com o corpo. Não se pode falar em ações exclusivamente anímicas ou corporais. A dor de dente atinge a alma, e a ansiedade produz HCl.

Outros acham que só existe a *res extensa*, os materialistas. Neste caso, todas as operações “anímicas”: decisões, vontades, sentimentos etc. seriam manifestações neurofisiológicas apenas. Não existe liberdade, não existe amor. Psicanálise freudiana.

O grande elemento vital é a chamada alma, aquilo que faz com que o ser vivo seja vivo e não corpo, um cadáver, um resto.

Qualquer ser vivo, pelo fato de sê-lo, possui certo grau uma alma. Uma planta de verdade é diferente de uma planta de plástico, ou uma planta morta. O que as diferencia chamamos alma: o princípio vital.

Para o homem, a alma é não só princípio vital, mas pessoal. Capaz de vida intelectual, e costuma-se chamar a alma humana de espírito. Existe no homem uma imaterialidade: de pensamentos, sentimentos, personalidade, cultura etc. que são essencialmente imateriais, ainda que fortemente relacionados de um modo ou outro à matéria.

A alma é a forma, ou essência do corpo: aquilo que faz com que aquele ser seja o que é, isto é, um ser vivo assim assado. Alma e corpo, ou espírito e corpo no caso humano, são dois princípios indissociáveis do ser¹⁷.

¹⁷ “Era conveniente que o ser humano fosse admoestado e se lhe recordasse que não é só alma, mas união mágica de espírito e corpo.”, Ortega y Gasset, *Rebelião das Massas*

OU SEJA, A VIDA PARA O SER VIVO NÃO É UM ACIDENTE, MAS A SUA PRÓPRIA ESSÊNCIA!!!

Uma consequência importante: não existe alma sem corpo, ou uma mesma alma que sirva para vários corpos. Problema da metempsicose: A reencarnação ou transmigração da alma é uma idéia que é compatível com a filosofia de Platão, mas não de Aristóteles.

Além disso, uma das idéias recorrentes do classicismo é justamente a existência de formas ideais, e esse é um conceito altamente platônico: acrópole, escultura, jogos esportivos, nariz grego etc. Uma coisa particular é para o grego tão mais perfeita quanto mais se assemelha ao universal. Se poderia falar também de uma **forma ou modelo ideal da alma humana** (alma forma corporis), que são os heróis dos poemas homéricos.

Sentidos

Esta alma possui uma interface com o mundo, interface esta que faz parte do corpo, que são os sentidos: “nihil est in spiritus quis non prius fuerit in sensus”

A alma é capaz de se informar a partir dos seres externos, sem deixar de ser ela mesma. De certa maneira, através do *conhecimento* ela pode *ser* todas as coisas. “os sentidos recebem a forma sensível das coisas sem alterar a sua matéria” (Aristóteles, De Anima).

Existe uma gradação dos sentidos, em termos da elaboração que fazemos deles

- Sensação: os 5 sentidos. Captam os *acidentes*, ou aspectos mais externos das coisas.
- Percepção: Síntese sensorial das sensações, que permitem distinguir um objeto.
- Imaginação: capacidade de abstrair os aspectos específicos dos seres particulares, formular uma representação mental desses seres e realizar operações mentais com os mesmos, atribuindo eventualmente atributos meramente imaginativos: a praia, o carro ou a mulher dos sonhos. Base da metáfora, da ficção e da fuga da realidade.
- Avaliação: relacionar uma realidade exterior comigo mesmo. Isso é legal, mas não é para mim... Foge que o bicho tá pegando para o meu lado. Esse cara tem uma aparência suspeita.
- Memória: transforma as sensações, percepções etc. numa história pessoal, num self, numa identidade. E num conjunto de relações estáveis com outras pessoas e com a comunidade.

O intelectual e o sentimental

Pensamento e linguagem

Fenômeno que indica o pensamento: linguagem
+ sentimentos, que não são propriamente racionais, mas que se relaciona com a razão
= o que há de especificamente humano.

Importância da harmonia entre essas dimensões – bom funcionamento da vida como um todo

Linguagem: um método exclusivamente humano, não instintivo, de comunicar idéias, emoções e desejos, por meio de um sistema de símbolos produzidos de maneira deliberada.

Características do pensamento

- 3 operações do pensar: abstração, juízo e raciocínio
- Infinitude
- Alteridade: posso pensar em um outro sem qq relação comigo
- Mundaneidade: contexto; penso nas coisas e nas suas relações com as outras coisas e com o todo
- Reflexibilidade: conhecimento de si
- Imaterialidade: simultaneidade entre o processo e o resultado, dinâmica de ordem 0 entre o pensamento e o ser pensado
- união com a sensibilidade
- Universalidade: capacidade de trabalhar com conceitos universais, “desencarnados” dos seres concretos.

Características da linguagem humana:

- É uma realidade cultural, não instintiva. Falar é natural, mas a linguagem que se fala não é.
- A relação entre o sinal e a mensagem é arbitrária, não icônica nem necessária: os homens podem transmitir situações sem vivê-las (ficção)
- O número de mensagens da linguagem humana é ilimitada (animais não)
- A linguagem cria a comunidade, é social.

- Expressa pensamento, ocorre simultaneamente ao pensamento (simultaneidade). Não existe linguagem humana sem pensamento (ainda que as vezes a gente fala sem pensar...). E da mesma maneira que o pensamento é imaterial (software), também o é a linguagem.

- Na prática, é difícil distinguir pensamento de linguagem, uma vez que a grande maioria dos nossos pensamentos se dá a partir de um discurso, de um pensamento de tipo verbal, interior ou exterior.

Vontade

Conceito aristotélico: a vontade é a inclinação racional para o bem, sendo bem aquilo que nos convém.

(é uma definição singela, muito interessante, incompleta...)

Analogia: sensibilidade gera o desejo e o impulso; o intelecto gera a vontade. A vontade tem para Aristóteles uma raiz essencialmente intelectual. Veremos logo mais que o assunto é um pouco mais complicado do que isso...¹⁸

Aristóteles, por outro lado, não tinha o conceito de “pecado”, como um problema no âmbito da vontade. As grandes religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islã) acrescentam a noção de pecado à noção de erro de Aristóteles, que seria causado apenas por um engano intelectual¹⁹.

- É tão aberta quanto o pensamento

- Deseja-se o que se conhece, e se conhece a fundo aquilo que se deseja: estreita união entre inteligência e vontade.

- Na ação **voluntária** a vontade se plasma na conduta. Uma ação voluntária é uma ação consciente, uma ação minha. Eu sei o que eu quero e procuro fazê-lo.

Isso implica na *responsabilidade*, pode-se pedir contas da ação.
E isso se relaciona com a *liberdade* e com a *ética*.

A liberdade não consiste em fazer todas as nossas vontades, mas em ser capaz de fazer a nossa vontade, iluminada pela inteligência. Liberdade absoluta significa uma vontade absoluta e tirana, que não é mediada pela inteligência da consciência moral.

Sentimentos

¹⁸ Ao final deste módulo, faremos uma reflexão mais profunda sobre a análise agostiniana e tomista da vontade. Este é um tema de grande interesse para a teologia moral, e foi exaustivamente estudada por esses autores.

¹⁹ O conceito de pecado a partir de uma religião revelada é capaz de ampliar a natureza do realizável, na tensão entre a *physis* e o *ethos*, como veremos à frente.

Uma bela comparação para entender os sentimentos na vida humana, é dizer que eles são como a cauda de um cometa que se desprende do núcleo da intimidade quando aquecido pelo Sol. E esse Sol pode ser várias naturezas, em função de muitos fatores que influenciam a vida de cada homem. Alguns positivos, outros negativos.

“En la esfera moral, es la voluntad quien posee la última palabra; aquí, lo que cuenta por encima de todo, es nuestro centro espiritual libre. El verdadero yo lo encontramos primariamente en la voluntad. Sin embargo, en muchos otros terrenos, es el corazón, más que la voluntad o el intelecto, el que constituye la parte más íntima de la persona, su núcleo, el yo real. Esto sucede así en el ámbito del amor humano: el amor conyugal, la amistad, el amor filial y paterno. Aquí, el corazón es el verdadero yo no sólo porque el amor es esencialmente una voz del corazón; lo es también en la medida en que el amor apunta de un modo específico al corazón del amado. El amante quiere verter su amor en el corazón del amado, quiere tocar su corazón y llenarlo de felicidad. Sólo entonces sentirá que ha logrado llegar al verdadero yo de su amado.”
D. v. Hildebrand, El corazón, Ed. Palabra, 1997 pg 133

Os sentimentos em seu conjunto são distintos do intelecto e da vontade, mas estão estreitamente relacionados com eles.

Pacote: afetos, sentimentos, emoções, paixões

É uma questão extremamente importante: condicionam fortemente as situações anímicas que separam ou juntam as pessoas, movem à ação ou à inação, que refletem um estado de *felicidade* anímica ou de infelicidade, etc.

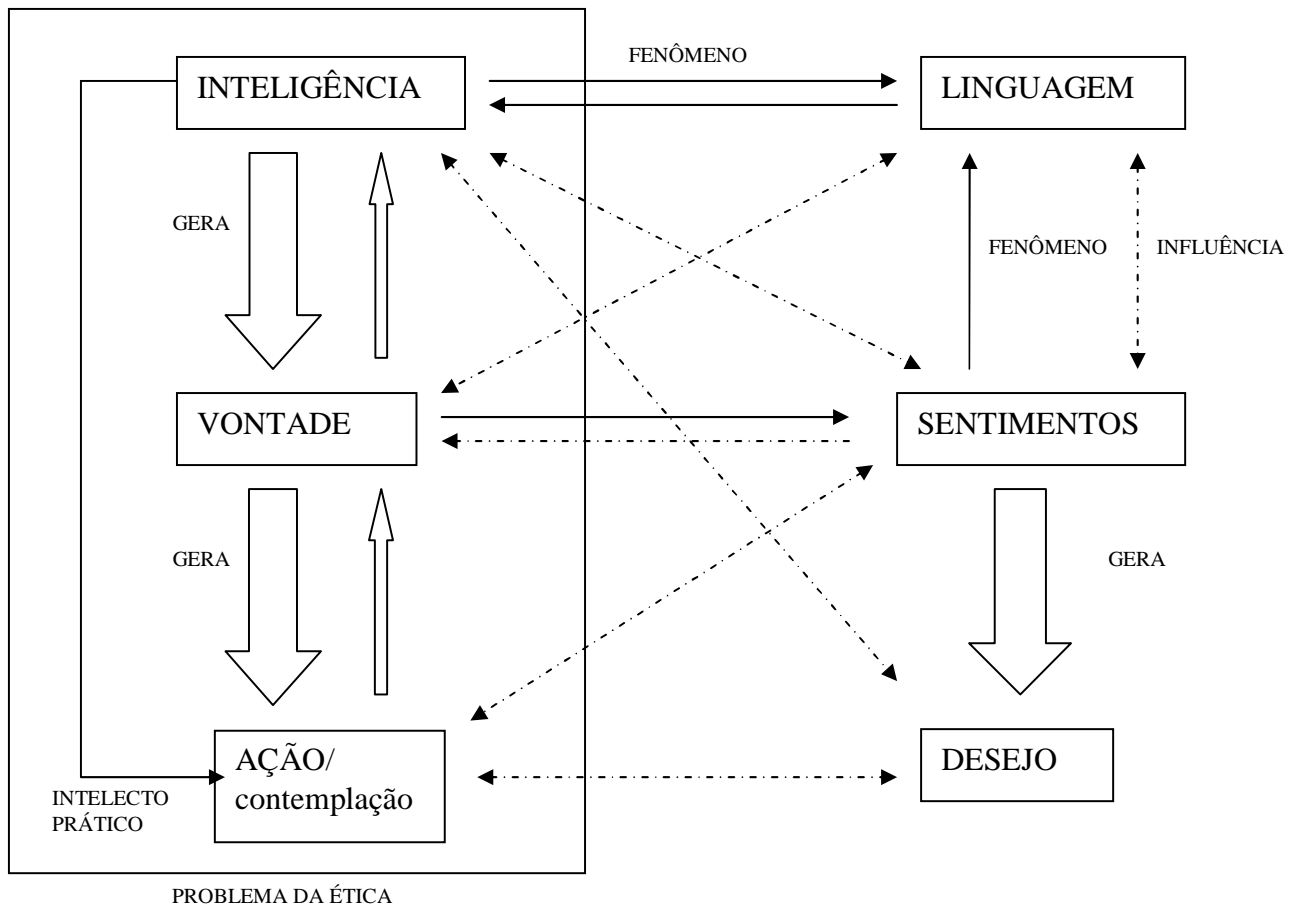
Vamos fazer aqui uma análise filosófica/fenomenológica, sem entrar no mérito dos fenômenos neurofisiológicos envolvidos no processo: vias ascendentes e descendentes, respostas fisiológicas autônomas ou somáticas, núcleos do tálamo, sistema límbico, hipocampo, córtex frontal etc.

É fundamental estudar os sentimentos para entender o homem e poder ajudá-lo, e saber distingui-los do que é inteligência e vontade: problema do homem contemporâneo sobre a distinção entre o eu sinto, eu gosto, eu quero, eu sei que é bom mas não gosto, eu gosto mas eu sei que não é bom, eu não sei se é bom, eu não sei se eu gosto, eu não sei se eu quero etc etc.

Não é fácil:

...de tristezas nam se pode contar nada ordenadamente, porque desordenamante acontecem ellas.

Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão, apud Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, 26a. ed., 1995 pg. 116 nota 32



Mais sobre os sentimentos

Seqüência causal dos sentimentos:

Etapa	Processo			
1	Objeto desencadeante e suas circunstâncias	Rotweiller solto no corredor de casa	Avistar cerveja gelada, no Rio, com 40° C	Despertador às 5:30h da manhã
2	Emoção ou perturbação anímica	Medo	Desejo de beber, sede incontida	Sono Ódio Preguiça
3	Alterações orgânicas ou sintomas físicos	Freqüência cardíaca	“água na boca”	Acordar (fazer o quê?)
4	Conduta ou manifestação	Fugir	Comprar a cerveja e beber ou não, se estiver	Sair da cama Ou continuar dormindo ou ligar o snooze

Problema: o objeto desencadeante do sentimento não é localizável: angústia – genérico, não localizável, inevitável

A diferenciação entre o tipo de sentimento (genericamente considerado, sem distinguir com precisão do afeto, da emoção etc.) em cada situação requer distinguir as 4 etapas acima.

Os sentimentos indicam se a realidade coincide ou não com as nossas tendências, com aquilo que objetiva e principalmente subjetivamente valorizamos. Por isso, os sentimentos são capazes de transmitir informações racionais não muito explícitas: não estou gostando disso.... Isso “cheira” mal.... Que pessoa simpática!

Tristeza: aversão ou rejeição a um mal presente enquanto sentido. Desarmonia entre as nossas tendências e a realidade das coisas.

Não se pode confundir *sensações* com *sentimentos*, para não empobrecer o universo afetivo.

Sentir:

Sinto uma pedra no sapato
Me sinto bem (plenitude vital)
Sinto pena do pobre

Sensação: corporal, transitória: pedra no sapato

Sentimento: pessoal, contextual, pode gerar conduta, pode se distender no tempo: pena do pobre

Qualificação dos sentimentos

É uma tarefa importante da filosofia tentar fazer uma certa arrumação nesse nosso mundo interior, e muito especialmente dos sentimentos, justamente para colocar um pouco de ordem nessa bagunça que são os sentimentos humanos.

Existem na filosofia algumas classificações dos sentimentos humanos. No século 17-18 apareceram várias. Descartes, Pascal, Leibnitz, Bacon, Locke, Hume, etc. De um modo geral, esses autores querem racionalizar justamente a parte não-racional do homem, os sentimentos. Um dos exemplos é a famosa *Ética More Geométrica Demonstrata*, de Spinoza: “Considerarei as ações e os apetites humanos como se se tratasse de linhas, de superfícies e de corpos sólidos”.

Há portanto várias e interessantes, mas vamos nos ater à clássica aristotélica.

Isso é apenas um modelo. A realidade das coisas é muito mais misturada e complicada. Existe ainda um forte componente do tipo de personalidade, da educação recebida, das neuras, das experiências vitais e tudo o mais.

Não existem sentimentos puros, estão sempre encarnados em homens ou mulheres (sentem de maneira bem diferente) reais. Nem no mundo das idéias do Platão.

Distinção 1: Desejo ou apetite concupiscível: inclinação para possuir o bem

Amor

Bem futuro: desejo

Bem presente: prazer

Impulso ou apetite irascível: inclinação para vencer os obstáculos que atrapalham a posse do bem

Ódio

Mal futuro: fuga

Mal presente: dor ou tristeza

Esperança: existe a possibilidade de afastar os obstáculos e alcançar o bem

Desespero: bem inatingível

Temor: deparar-se com mal inevitável

Audácia ou temeridade: deparar-se com mal evitável

Ira: enfrenta e rejeita o mal presente

Amor

A questão de fundo gira em torno dos grandes sentimentos de amor e ódio. Mais, em torno do amor. O ódio aparece quando algo se interpõe entre nós e aquilo que amamos.

O amor tende ao objeto amado, cuja posse é o *fim*. A posse do fim gera o gozo. É como se aquele movimento sentimental cessasse. Um processo anímico que se encerra, apesar da memória (um problema extremamente interessante).

Quando falamos de amor, estamos abordando um tema que linguisticamente é muito complexo. É essencialmente um sentimento, mas que tem uma conotação volitiva (vontade) em certos âmbitos. Há vários significados diferentes mas parecidos na mesma palavra, e distingui-los é uma tarefa difícil.

Estamos tentando nos situar numa perspectiva helenística.

Gregos:

Philia: amor de amizade ou interesse por um assunto qualquer
Eros: amor sexual
Ágape: amor gratuito, mesmo não correspondido
Storge: amor familiar

Judeus (NT Bíblia):
Ahava: afeto ou favor (de Javé pelo seu povo)
Khesed: afeto+compaixão, ou ternura

Cristianismo:
Caridade: ágape no NT
Eros: sentido de amor que quer ser correspondido (Deus Caritas Est)

Literatura ascética: vontade. Nesse caso, é ao mesmo tempo um conceito interessante, para definir uma vontade que quer o bem, que ama o bem, independentemente dos sentimentos. Força de vontade em direção ao bem. Mas tem um viés voluntarista de influência estoíca, se não for analisado à luz dos outros significados da palavra amor. E estoicismo voluntarista, tipicamente militar, não tem nada a ver com o cristianismo.

Essa é uma questão interessante, o problema do voluntarismo na literatura religiosa cristã. É uma tendência que se acentuou a partir da reforma católica (assim chamada contra-reforma), de combater a tendência demasiadamente subjetivista na religião (muito suspiro, muita cantoria e pouco esforço real de crescimento interior e mesmo de transformação social), deixando claro a necessidade do esforço na busca da perfeição cristã. Para Lutero, bastava a fé sem obras. Hoje a tendência é essa mesma, de um cristianismo altamente sentimental, um tanto desconectado da teologia e dos ensinamentos objetivos do cristianismo.

Onde está o amor: na vontade ou nos sentimentos? Quem tem mais amor, uma mãe que sem vontade acorda de noite para ver o filho que está chorando ou a que diz: meu filho eu te amo, dá um suspiro e volta a dormir²⁰?

No fundo, deve-se buscar um equilíbrio entre os vários significados do que é o amor. Não é mera força de vontade, mas não é verdadeiro sem ela. O cristianismo integra e com-funde vários sentidos que tem o amor. O amor é para nós, pela nossa própria herança cultural, um conceito um conceito confundente.

²⁰“ Servir os pobres, para as Missionárias da Caridade, é a sua tarefa diária, habitual, que levam a cabo infatigavelmente, ano a ano: com frio e com calor, com vontade ou sem, com as costas doloridas de tanto se inclinarem para alimentar, lavar e cuidar dos moribundos.” Edward le Joly, La Madre Teresa, Ed. Palabra, 6a ed., Madrid, 1996. pg. 231.



A menos que esse fim não se cumpra, dando lugar à ira e à vingança, que muitas vezes conduzem à tragédia (Rigoleto, Medeia de Eurípides (mata os próprios filhos para se vingar do marido infiel))

Mas eu estava fora de minha bainha
J.G.Rosa, Grande Sertão

Os sentimentos (inclusive as paixões) são componentes positivas do ser do homem. Eles potencializam um grande número de ações moralmente boas, e de modo algum devem ser *silenciados*, e sim *educados*:

Ou expulsamos de nós a alma de derrota ou nem vale a pena competir mais. Com uma humildade assim abjeta (sem sentimentos), ninguém consegue nem atravessar a rua, sob pena de ser atropelado por uma carrocinha de chica-bom. Nelson Rodrigues, Manchete Esportiva, 19/5/1956

O positivismo ético Kantiano, que estabelece a *norma* como **único** critério de moralidade, é profundamente desumano. Isso dá pau, tanto do ponto de vista psicológico (repressão) quanto social (várias formas de legalismo). O legislador olha com a sua inteligência, escreve as leis com a sua vontade e aplica com a sua ação. Até aí tudo bem, mas o homem real não é só isso.

De fato, o problema central da ética está no lado esquerdo do diagrama, mas não se pode deixar de levar em conta os sentimentos. E pensar que é só isso (lado esquerdo) pode ser injusto, ainda que seja legal. Especialmente na justiça legal, um pouco menos da distributiva.

Sentimentalismo e harmonia dos sentimentos

Por outro lado, os sentimentos não podem ser os guias únicos das nossas ações, nosso norte. Isso é o chamado sentimentalismo, onde os sentimentos transcendem o âmbito que lhes compete, extravasa, e toma o lugar que deveria ser tomado pela inteligência e pela vontade. Essa é toda uma temática muito

interessante: o famoso “Amicus Plato, sed magis amica veritatis”. Pensar com a cabeça de baixo quando a de cima é quem deveria decidir.

Um dos temas mais interessantes nesse problema da **interferência de âmbitos** entre a inteligência, a vontade e os sentimentos é o problema do ateísmo:

Chesterton: Ninguém nega a Deus se não tiver *interesse* em que ele não exista... Dado que não existem provas da não existência de Deus, o ateísmo é um ato de fé, um ato da vontade.

Ou o indivíduo que tem uma série de problemas em casa e faz de conta que está tudo bem, ou se enfurna no trabalho para não ter que ter aquela conversa complicada com a filha adolescente etc.

É o ditado popular, “o pior cego é aquele que não quer ver”

Por outro lado, o domínio racional e volitivo dos sentimentos é algo complicado. Platão fala de um gato domesticado que de repente se volta contra nós. Aristóteles fala, com muita razão, de um domínio político sobre os sentimentos, como indivíduos livres de uma sociedade que precisamos governar, e que às vezes precisamos educar e ensinar, outras punir, outras estimular. De algum modo, os sentimentos têm uma certa autonomia em relação ao nosso ser (sistema nervoso autônomo: bate mais forte o coração, estraga o fígado, embrulha o estômago etc.)

Quer dizer, os sentimentos se misturam com a inteligência e a vontade, sem que tenhamos muito controle:

Laura Pausini, La Solitunine

Marco nel mio diario ho una fotografia
Hai occhi di bambino un poco timido
La stringo forte al cuore e sen to che ci sei
Fra i compiti d'ingliese e mathematica

Ainda que às vezes os sentimentos são os motores da vontade:

La costruzione di un amore, Ivano Fossati,
da La Pianta Del Te' - CBS 1988

La costruzione di un amore
spezza le vene delle mani
mescola il sangue col sudore
se te ne rimane

La costruzione di un amore
non ripaga del dolore
e' come un altare di sabbia
in riva al mare

Sentimentos e situações problemáticas

Muitas vezes, problemas de ordem psicopatológica, moral e comportamentais têm sua gênese em algum sentimento mal resolvido:

“A causa de todas as doenças, sejam físicas, sejam psíquicas, é a impotência de sentimento. Desde o câncer no seio até a brotoeja, tudo é falta de amor.

Nelson Rodrigues

(não me refiro a doenças psiquiátricas com base claramente fisiológicas, endógenas como algumas depressões, transtorno bipolar, esquizofrenia etc.):

Medo de errar: timidez

Medo de engordar e da opinião alheia sobre o próprio corpo: anorexia

Medo da traição: ciúmes

Medo da morte, da solidão, da doença: fobias diversas

Medo do bicho papão, do indefinido: depressão

Ânsia de prazer ou de escapismo: várias formas de adicção

Marvada pinga – Tónico e Tinoco

Com a marvada pinga

É que eu me atrapaio

Eu pego no copo e já dou meu taio

Eu chego na venda e dali não saio

Ali memo eu bebo

Ali memo eu caio

Só pra carregar nunca dei trabaio

Quer dizer, os sentimentos possuem autovalores reais positivos, e devem ser controlados devidamente, senão toda a dinâmica psíquica vai para o brejo.

Por outro lado, eles **não são totalmente controláveis** (matriz de controlabilidade singular) e não observáveis. Muitas vezes nem mesmo sabemos exatamente o que estamos sentindo “me dá uma coisa assim”.

Por exemplo, às vezes conhecemos uma mulher, não só bonita, mas fascinante. Simpática, inteligente, feminina (que nem a todas se pode aplicar completamente este qualificativo), que nos dá bola etc., e que faz como a Tina Turner, que

“All I want is a little reaction

Just enough to tip the scales

Im just using my female attraction

On a typical male, on a typical male”.

É difícil que um *Typical male* como nós não se apaixone. Ok, não controlamos mesmo.

Por outro lado, podemos conhecer uma mulher que não é exatamente essa deusa do Olimpo que falávamos, mas nos apaixonamos do mesmo jeito. A famosa “química”.

Ao mesmo tempo, se o indivíduo é casado e se comprometeu para valer com outra mulher não pode permitir que isso aconteça, senão vai fazer um estrago desgraçado, vai ser um canalha.

Ou seja, apesar da afetividade não ser totalmente controlável, precisa se **administrada**, precisa ter barreiras além das quais ela não pode passar. Entre outras coisas, essa administração da afetividade passa pelo princípio fundamental de não dar bobeira. Não ser mané. Por que se o cara der mole o caldo entorna mesmo.

Outro problema são **os sentimento negativos que não controlamos**, como a dor moral: perda de um ente querido, uma desilusão amorosa, a traição, a saudade etc.,

Salmo 136

1. Às margens dos rios de Babilônia, nos assentávamos chorando, lembrando-nos de Sião.
2. Nos salgueiros daquela terra, pendurávamos, então, as nossas harpas,
3. porque aqueles que nos tinham deportado pediam-nos um cântico. Nossos opressores exigiam de nós um hino de alegria: Cantai-nos um dos cânticos de Sião.
4. Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor em terra estranha?
5. Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, que minha mão direita se paralise!
6. Que minha língua se me apegue ao paladar, se eu não me lembrar de ti, se não puser Jerusalém acima de todas as minhas alegrias.

A maior parte dos **sentimentos não dependem só de nós**, mas de circunstâncias ou de outras pessoas.

Há um conto do Guimarães Rosa chamado As Garças (Ave, Palavra). É uma história triste etc, onde havia um casal de garças que morava numa fazenda, e uma das garças foi comida por um cachorro e por aí vai... E há uma passagem, depois que uma das garças morre, que o autor diz:

“O vôo da garça sozinha não era metade do das duas garças juntas: mas só o pairar da ausência, a espiral de uma saudade – com fundo no céu.”

Mas há **sentimentos que potencialmente controlamos**, ou que controlamos mais ou menos: a inveja, a ira, a vingança etc. São sentimentos que podem aflorar, mas que se a vontade acolhe acabam tendo um forte potencial destrutivo. Quer dizer: uma coisa é ter raiva, outra é querer quebrar a cara do outro, e de fato quebrar se tiver meios para tal.

Tonico e Tinoco, João de Barro

O João de Barro pra ser feliz como eu
Certo dia resolveu arranjar uma companheira
Num vai e vem com o barro da biquinha
Ele fez sua casinha lá no galho da paineira

Toda manhã o pedreiro da floresta
Cantava fazendo festa pra'quela que tanto amava
Mas quando ele ia buscar um raminho
Para construir seu ninho seu amor lhe enganava

Mas neste mundo o mal feito é descoberto
João de Barro viu de perto sua esperança perdida
Cego de dôr trancou a porta da morada
Deixando lá sua amada presa pro resto da vida

Hamlet, sente ódio ao seu tio que matou o rei, e faz de tudo para que esse ódio se intensifique cada vez mais, não decaia:

Hamlet, depois da aparição do Espectro do Rei

¡Ah, legiones celestiales! ¡Ah, tierra! - ¿Qué más?
¿Afiado el infierno? ¡No! - Resiste, corazón,
y vosotras, mis fibras, no envejecáis
y mantenedme firme. ¿Acordarme de ti?
Sí, pobre ánima, mientras resida memoria
en mi turbada cabeza. ¿Acordarme de ti?
Sí, de la tabla del recuerdo borraré
toda anotación ligera y trivial,
máximas de libros, impresiones, imágenes
que en ella escribieron juventud y observación,
y sólo tus mandatos viviran
en mi libro del cerebro, sin mezcla
de asuntos menos dignos. ¡Sí, sí, por el cielo!
¡Ah, perversa mujer!
¡Ah, infame, infame, maldito infame sonriente!

Voltando um pouco à moral kantiana da modernidade, que MacIntyre classifica como *emotivista*, a moral deixa de ser regida pela racionalidade e passa a sê-lo pela vontade e pelos sentimentos.

Apesar de todos os “axiomas universais”, na prática, estes mesmos axiomas por si mesmos são formulados indistintamente entre expressos de preferência pessoal e expressões valorativas objetivas.

A moral axiológica finge expressar juízos universais e impessoais, mas o que realmente deseja é expressar como máximas universais os seus desejos e sentimentos, numa tentativa de manipular a realidade moral.

Uma das vertentes deste processo é a identificação de BOM = AGRADÀVEL / ÚTIL

Numa moral de tipo utilitarista, dentro de um leque de opções, bom é o que produz maior bem (mas o que é o bem? Em muitos casos, acaba sendo o agradável). Assim, nenhum ato é certo ou errado enquanto tal. Mas não saber o que é “bom”, significa confiar num dicionário que define mal a palavra “definição”.

Isso, em alguns casos, leva a uma desordem sentimental em que os conflitos interiores (e exteriores) são a confrontação de uma arbitrariedade contingente contra a outra.

Virtudes morais e harmonização dos sentimentos

Tudo isso precisa ser harmonizado, controlado na medida do possível, politicamente conduzido através das VIRTUDES MORAIS: prudência, temperança, fortaleza e justiça.

(ver Joseph Pieper, *Las virtudes fundamentales*, 8ª ed., Ed. Rialp, - português Portugal, Aster, 1960)

Problema da ética: -- permeia todo o curso. - concepção clássica da ética está baseada fortemente numa antropologia - filosofia prática do bem viver do homem, como algo que envolve toda a existência do homem.

O grande divulgador moderno da ética clássica é MacIntyre²¹.

After Virtue: Virtues are dispositions not only to act in particular ways, but also to feel in particular ways. To act virtuously is not, as Kant was later to think, to act against inclination; it is to act from inclination formed by cultivation of the virtues. Moral education is an sentimental education. (pg. 149)

Muito distante de concepções modernas da ética, de tipo legalista-consensualista, consequencialista e hedonista.

Na filosofia clássica a antropologia e a ética se estudam simultaneamente. No caso do princípio da legalidade: "obedecer a lei é bom" - É diferente de dizer "O bom, a bondade em si, é obedecer a lei".

After Virtue: "Hence perhaps the most obvious and astonishing absence from Aristotle's though for ay modern reader: there is relatively litle mention of rules anywhere in the *Ethics*" (pg. 150)

Grande limitação do legalismo: a lei não torna boa uma coisa em si má.

Ok, a lei vale p/ todos: e pode ser injusta p/ todos que estão sob ela (parece que às vezes a lei não precisa valer para os governantes e para os que fazem a lei – imunidade parlamentar)

²¹ Depois da virtude, EDUSC, 2001; Justiça de Quem? Qual racionalidade?, Ed. Loyola 1991; Three Rival Versions of Moral Enquiry, University of Notre Dame Press, 1990.

Por exemplo, leis que se contradizem e tornam a sociedade inviável: impostos que deixam inviável a livre empresa, que constroem à corrupção

O grande exemplo (Apologia de Sócrates, Platão): Sócrates era maior que a lei que o condenou.

Uma observação: a penetração da mentalidade legalista no cristianismo é (foi, sobretudo) algo muito serio: conceito de pecado como transgressão do mandamento. Sim, mas é sobretudo algo que ofende a Deus e rebaixa o homem, muito mais que uma transgressão.

A justiça não está na lei, mas na coisa.

Na antropologia clássica, moral e ética são sinônimos - moral como comportamento interno, ética externo: na tradição clássica não existe essa distinção na medida em que “agitur sequere esse”

A própria palavra “moral” não existia no grego e no latim antigo. É uma palavra que Cícero introduziu a palavra moralia (derivada de more, costume) para traduzir o termo êthikos do grego, que tem sentido de caráter adquirido, de disposição estável²².

Prudência: reta razão no agir, faculdade do intelecto prático; analisa as circunstâncias reais e busca como atingir o verdadeiro bem; proa inteligente da virtude termo médio entre a covardia e a temeridade.

A prudência é a chave de toda ética clássica.

After Virtue: “According to Aristotle the excellence of character and intelligence cannot be separated

So for Kant one can be both good and stupid; but for Aristotle stupidity of a certain kind precludes goodness. Moreover genuine practical intelligence in turn requires knowledge of the good, indeed itself requires goodness of a kind in its possessor ... it is clear that a man cannot have practical intelligence unless he is good”²³

Justiça: dar a cada um o que é seu, faculdade do intelecto especulativo, que consegue avaliar as coisas de maneira estritamente racional; termo médio entre o abstenseísmo e a hiper-justiça (summo ius summa iniuria).

²² MacIntyre em After Virtue lembra que o termo moral como “moral sexual” adquire esta conotação somente a partir do século XVII.

²³ ... a plenitude vital se alcança quando chego a sentir e desejar, de certo modo, aquilo que realmente me convém fazer. Uma boa formação do caráter é aquela que eu chegue a gostar do bom e não gostar do mal. (...) Consigo assim superar a esquizofrenia, tão típica dos dias de hoje, entre o frio racionalismo que domina de segunda a sexta, e a febre de dispersão que campeia no fim de semana. Vou alcançando uma vida unitária, ainda que não unívoca ou monótona. Integro progressivamente na minha vida aqueles bens que se encontram na base da minha própria personalidade. A poesia do coração vai penetrando na prosa da inteligência.

A. Llano, La vida lograda, Ed. Ariel, p. 79

Temperança: moderação do apetite concupiscível; bom gosto, liberalidade, elegância diante das coisas que produzem satisfação; termo médio entre a intemperança e a insensibilidade.

Fortaleza: firmeza e constância na prática do bem diante das dificuldades. Resistir às tentações (defesa) e superar os obstáculos (ataque) na vida moral. Vencer o medo e enfrentar as perseguições, e se for o caso com o sacrifício da própria vida por uma causa justa; termo médio entre a covardia e a temeridade.

O verdadeiro núcleo da ética clássica está nisso: em que as virtudes são os elementos construtivos da moral, não as leis. Essa é a grande proposição aristotélica (Ética a Nicômaco) e que depois foi aprofundada por S. Tomás. Infelizmente, esta visão da ética foi suplantada pelo legalismo, por diversas razões que não vamos entrar aqui. O grande autor moderno que resgatou a ética clássica do equívoco foi o filósofo Escocês da Univ. de Notre Dame, Alasdair MacIntyre com o livro *After Virtue* (1981). Este livro criou grande impacto na época e acabou influenciando muitos autores na área da ética, por exemplo, na ética dos negócios²⁴.

A **literatura** tem grandes ensinamentos sobre as virtudes, com personagens que encarnam quase caricaturalmente algumas virtudes ou seus vícios opostos.

Prudência: Ulisses (Odisséia de Homero), “o de muitos ardis”. Faz a coisa certa. Sabe o que quer (voltar para casa), e apesar das dificuldades, perigos e tentações vai decidindo de maneira correta até atingir seu objetivo. Não é à toa que a grande madrinha de Ulisses é Atena (Minerva romana), deusa da sabedoria. E seu grande “inimigo” Poseidon (Netuno romano), deus dos oceanos, da turbulência, da imprevisibilidade, dos terremotos, dos cavalos.

Imprudência: Don Quixote. Quando discorria sobre assuntos teóricos (intelecto especulativo de Aristóteles) era muy discreto (amor, virtudes dos governantes, virtudes femininas, amizade, nobreza de alma etc.). Mas na hora de tomar decisões práticas (intelecto prático), só fazia besteira. Avaliava as coisas erradamente, e não só não conseguiu nada de proveito, nem mesmo conquistar a sua sin par Dulcinéia del Toboso. Loco.

É interessante, por outro lado, notar que às vezes, a sabedoria é justamente empreender loucuras, a loucura do santo, do herói, do mártir. Miguel de Unamuno, “Vida de Don Quijote y Sancho”: «Sólo los locos hacen lo sensato, los sabios no hacen más que tonterías»

Justiça e injustiça: Frei Cristóforo e Don Abbondio, I Promesi Sposi, Manzoni.

²⁴ As relações econômicas na economia capitalista dependem de uma confiança mútua entre as partes, isto é, de que as pessoas envolvidas nos negócios sejam confiáveis. Ao mesmo tempo em que “códigos de ética” não bastam para que não haja fraude. Por isso, a ética dos negócios tem progressivamente abandonado a moral axiológica kantiana e se voltado para uma ética de cunho realista.

Renzo e Lucia querem casar-se, mas Don Abbondio fica com medo diante das ameaças – sicários - de Don Rodrigo, que quer aproveitar-se de Lúcia; Don Abbondio "scansare (retrair) tutti i contrasti e cedere a quelli che non può scansare"

Frei Cristóforo: santo homem, grande autocontrole, corajoso, indignado diante da injustiça.

Intemperante: Don Rodrigo, caprichoso que quer a Lúcia sem amá-la de fato. Prepotente

A literatura ensina muito sobre as virtudes e o vícios (Alfonso Lopez Quintás, Como formarse en ética através de la literatura, Ed. Rialp, 2ª ed. 1994)

Da aquisição e prática dessas virtudes se consegue o sossego, a quietude, a paz interior, o autodomínio, a temperança. Isso não tem nada a ver com o cara que *reprime* os sentimentos.

A Ética das Virtudes fala de 3 princípios básicos:

Arete: Excelência ou virtude

Phronesis: sabedoria moral, ou prudência

Eudemonia: felicidade, mas que pode ser entendida como vicejamento, florescimento

Quer dizer, o ato ético é um ato do homem, que deve ser totalmente bom, do começo ao fim. A ética das virtudes é uma ética baseada na moralidade do agente, mais no que no ato em si. Um ato *excelente* é um ato que reflete uma *excelência* interior, não um mero comportamento externo. Um homem *bom* não faz coisas más em si, mesmo prevendo um fim bom. É algo *contra a natureza do homem bom, na medida em que o agir segue o ser*. Não se espera do homem bom uma ação má, mesmo prevendo fins bons. Até por que:

Como determinar o valor das conseqüências? Quando uma situação é boa ou má? A quem a ação moral está beneficiando? Quem julga quais são as conseqüências de uma ação? E como?²⁵

“O fim não justifica os meios. Esse é um princípio ético fundamental, não respeitado pelas éticas utilitaristas e pragmatistas. O que é em si mesmo mau não deve ser feito nunca. Como diziam os moralistas romanos, é necessário considerá-lo como se não existisse, para que não seja colocado na balança entre bens e males, típica do consensualismo atual, quer dizer, da moral que avalia a bondade ou a maldade de um ato pela soma e subtração das conseqüências favoráveis ou desfavoráveis que dele resultam.”

A. Llano, La Vida Lograda, ed. Ariel, 2002, pg. 46

Isso tudo vai também muito além da ética de tipo legalista (deontológica). As ações humanas são ações que ele realiza na sua totalidade existencial de ser, não apenas como um “indivíduo” que precisa seguir um conjunto de regras, um

²⁵ <http://es.wikipedia.org/wiki/Consecuencialismo>

mero “cidadão”. Mas um ser humano que aspira a um “mais alto”, no plano das ações (virtude), do conhecimento moral (sabedoria) e dos sentimentos (felicidade).

Legalismo	Ética das Virtudes
Conduta	Excelência
Conhecimento da lei	Sabedoria moral
Satisfação	Felicidade

Na realidade as virtudes morais regulam, harmonizam, como dizíamos, todo esse complexo de inteligência, vontade e sentimentos. Mas no fundo no fundo, elas não resolvem completamente o problema. Só as virtudes morais ou cardeais não dão conta dos grandes problemas e principalmente dos grandes mistérios da vida: vida, morte, amor, sofrimento, alegria, a culpa, o perdão etc.

Daí uma dos grandes aportes do cristianismo²⁶. De algum modo, através de um processo histórico misterioso (filosofia ou teologia da história, no sentido agostiniano?) o cristianismo como que coroa, dá o fecho ao humanismo. É a cúpula que fecha o templo.

Através, em grande medida, da introdução no campo da ética das virtudes chamadas teológicas: fé, esperança e caridade²⁷. Senão a coisa não fecha. Se pode até falar em sucedâneos humanos dessas virtudes: pensamento positivo, otimismo e filantropia, mas a grande aportação do cristianismo é dar um sentido infinito (divino) a essas virtudes.

Por exemplo a esperança: a filosofia grega era tremendamente fatalista. A tragédia e a guerra (Ilíada) são realidades das quais não se pode fugir. Maktub. É isso e acabou. Os Deuses assim o dispuseram e pronto. Para quem tem a virtude da esperança, não existe destino. Existem: a realidade das coisas, a liberdade e a providência amorosa de Deus que é meu Pai. Tudo misturado e concorrendo para meu bem, por que sou criatura amada por Deus.

E dentre estas virtudes teológicas, a mais importante é a caridade²⁸.

“Realmente, la moralidad cristiana está permeada por una afectividad transfigurada que difiere fundamentalmente de cualquier afectividad natural. Pero esta diferencia no consiste en un menor ardor, ternura o afectividad. Se trata, por el contrario, de una afectividad sin límites, que desvela dimensiones

²⁶ Bento 16, Abertura do V CELAM, Aparecida, 2007

No quiero decir que los no creyentes no puedan vivir una moralidad elevada y ejemplar; digo solamente que una sociedad en la que Dios está ausente no encuentra el consenso necesario sobre los valores morales y la fuerza para vivir según la pauta de estos valores, aun contra los propios intereses.

²⁷ Segundo Jacques Philippe, A Liberdade Interior, Ed. Paulus, 2003, “as virtudes teológicas dispõem no interior do homem um espaço de liberdade que ninguém pode tirar”.

²⁸ Um dos sentidos da caridade cristã é o amor ao necessitado 1 Jo 3, 17 “Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitando, lhe fechar o seu coração, como permanece nele o amor de Deus?” Mas a caridade não esgota-se nesta única modalidade.

del corazón nuevas y desconocidas: «Fuego he venido a traer a la tierra, y ¿qué he de querer sino que arda?» (Lc 12,49)²⁹.

D. v. Hildebrand, El corazón, Ed. Palabra, 1997 pg 21”

Isso também não quer dizer que muitas vezes o homem precisa deixar barco correr mesmo, deixar o samba rolar. Deixar o santo baixar (no bom sentido), sentir os espíritos da floresta. Ficar perdidamente apaixonado. Os místicos, como Santa Teresa ou S. João da Cruz, ou o Cântico dos Cânticos sabem o que é isso. A tradição judaico-cristã, do ponto de vista antropológico, é profundamente carnal e emotiva (daí o elevado nível de exigência da moral sexual cristã, justamente por ser uma religião altamente relacionada com a carne mesmo – et Verbum caro factum est).

Ct 1, 2. - Ah! Beija-me com os beijos de tua boca! Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho,

3. e suave é a fragrância de teus perfumes; o teu nome é como um perfume derramado: por isto amam-te as jovens.

4. Arrasta-me após ti; corramos! O rei introduziu-me nos seus aposentos. Exultaremos de alegria e de júbilo em ti. Tuas carícias nos inebriarão mais que o vinho.

Ct 4, 9. Tu me fazes delirar, minha irmã, minha esposa, tu me fazes delirar com um só dos teus olhares, com um só colar do teu pescoço.

Os Cantares tratam, segundo alguns comentaristas, da relação entre a alma humana e Deus, onde o amor erótico entre o amado e a amada é tomada como analogia (pensamento propositadamente confundente). Isso certamente confere uma grande dignidade ao amor sexual.

S. João da Cruz, Noche Oscura

El aire de la almena
cuando yo sus cabellos esparcía
con su mano serena
y en mi cuello hería
y todos mis sentidos suspendía.

Quedéme y olvidéme
el rostro recliné sobre el amado;
cesó todo, y dejéme
dejando mi cuidado
entre las azucenas olvidado.

A virtude da castidade, para Aristóteles, tinha um caráter de altamente intelectualista: o que o ser humano tem de mais elevado é o pensamento.

²⁹ "Bem aventurados os puros de coração, por que verão a Deus" (Mt, 5,8). O órgão com o qual o homem pode ver a Deus é o coração; o simples entendimento não basta; para que o homem se torne capaz de conhecer a Deus, devem agir conjuntamente as forças da sua existência. A vontade deve ser pura e, portanto, também a base afetiva da alma, o entendimento e o querer que oferece a direção. Por "coração" se entende precisamente este jogo de relações das capacidades de percepção no homem, no qual está em jogo a correta interligação entre corpo e alma, que pertence à totalidade desta "criatura" "homem". pg. 93-94 Bento XVI, Jesus de Nazaré, Ed. Planeta, 2007.

Quando o indivíduo faz sexo não consegue pensar em nada. Então esse negócio de sexo é necessário, mas desumanizante. Para o cristianismo, o sexo é sim compatível e fomenta algo muito mais importante que o pensar que é o amar. Tira o centro da questão do eu e coloca no outro.

Ao mesmo tempo, a caridade cristã precisa ser concreta. Ajudar as pessoas nas suas necessidades concretas. Cuidar do pobre, do desvalido, do inocente. Ainda que isso exija grande aporte de capital humano ou econômico.

Ainda a propósito desse caráter confundente da palavra e do conceito de amor. Num artigo que li faz tempo, dizia o autor que na língua espanhola, o amor é uma *ilusión* e um *encantamiento*. Com o duplo sentido que essas palavras têm em espanhol (ilusão e entusiasmo, admiração e feitiço). É eros e ágape ao mesmo tempo.

Diferenças de caracteres

Além disso tudo, do problema dos sentimentos considerados como tais, há o problema da sua relação com cada tipo de personalidade. Cada pessoa individual reage de uma maneira, mas é possível agrupar mais ou menos alguns padrões de reação sentimental, ou de caracteres.

- a) apaixonado: paixão no que faz, mesmo que a tarefa não mereça tanto;
- b) sentimental: sentimentos amplificados na recepção, não domina os sentimentos, pode ser instável;
- c) Cerebral: fleumático, pode parecer desumano;
- d) sereno: sentimento demora para vir, reflexivo;
- e) amorfo, ou apático: não gosta de nada, não odeia nada. Vamos levando.

Indivíduos sem sentimentos

Existem indivíduos que padecem de uma patologia moral que é a “ausência de sentimentos”, no sentido de misericórdia ou atenção ao outro que a palavra “sentimentos” tem. Criminosos especialmente bárbaros, por exemplo.

“En primer lugar, el corazón se halla necesariamente reducido al silencio en cualquier hombre que esté tan dominado por el orgullo y la concupiscencia que la moralidad no juegue ningún papel en su vida. De él podríamos decir con verdad que «no tiene corazón», se trate de Caín, de Yago, de Ricardo III, don Juan, o don Rodrigo en Los *novios* de Manzoni. Estos hombres no tienen corazón. Son ejemplos clásicos de personas cuya actitud ante la vida está dictada exclusivamente por el orgullo y la concupiscencia; personas a las que sólo importa una cosa: la gratificación de su orgullo y de su concupiscencia.

En vano apelaríamos a sus corazones, intentaríamos suscitar su compasión o conmoverlos. No se trata de hombres afectivamente tullidos como el pragmatista utilitario, ni tampoco son víctimas de una hipertrofia intelectual.

Poseen una fuerte afectividad oscura y salvaje, pero su corazón está muerto. Son incapaces de amar incluso en el sentido del amor que resulta válido en el reino de los valores vitales, como el amor de don José por Carmen. Son incapaces del calor de la *intentio benevolentiae* que todo amor supone. Pueden ser apasionados desde un punto de vista sexual, pero el amor es un mundo desconocido para ellos. (A este respecto es muy ilustrativo que Alberich, en el *Rheingold* de Wagner, sólo puede alcanzar el oro que le dará todo lo que desea si renuncia al amor, pero no se le pide que renuncie al placer sexual.) Están excluidos del amor porque el amor siempre requiere la donación del propio corazón, del corazón en su sentido más estricto.

Estas personas son también incapaces de sentir auténtica tristeza. Tienen, ciertamente, todo tipo de sentimientos negativos: se pueden consumir de rabia o de ira y se les puede herir como a los animales salvajes; pueden estar destrozados por la más horrible falta de armonía o torturados por el temor. Pero no pueden sentir un verdadero pesar porque la auténtica tristeza, el sufrimiento que hiere el corazón implica la desaparición del orgullo y una entrega incompatible con su dureza de fondo.”

Dietrich von Hildebrand, *El corazón*, Ed. Palabra, 1997

Diferença homem/mulher

É um assunto bastante complicado. A literatura, me parece, é a melhor forma de entender um pouco melhor essa problemática, a dos sentimentos femininos. É um tema muito muito complexo...

Minha prima Raquel, Daphne Du Maurier. Inglês jovem e ingênuo convivendo com uma balzaquiana italiana extremamente sedutora e experiente, mas como a maioria das mulheres, altamente sentimentais.

Guerra e paz, do Tolstoi³⁰: Natasha, completamente apaixonada, faz um monte de besteiras, mas é fascinante, aprende com os erros etc. Sônia (prima da Natasha que vive com os Rostov) adorável, submissa e meio sem sal. Helena, primeira mulher do Pedro Bezukhov, fria, falsa, linda. Maria Bolkonskaya, santa, adorável, apaixonada, feia.

As mulheres podem também ser “pessoas sem sentimentos”, e nestes casos podem ser mais cruéis que os homens, por exemplo Jezabel, “filha de Etbaal, rei dos sidônios, e chegou até a render culto a Baal” mulher de Acab, Rei de Israel, Livro dos Reis

É importante conhecermos bem os conceitos de inteligência, vontade, virtude e sentimentos. Estudemos um pouco a questão dos sentimentos entre homem e mulher. Admito, do ponto de vista de um homem.

No homem, me parece, os sentimentos são +- simples, não necessariamente menos intensos, mas em geral são menos importantes. E dentre os

³⁰ Segundo Eugenio Corti, Tolstoi é o último dos “alunos” de Homero.

sentimentos, existe uma hierarquia mais ou menos clara de quais são os mais ou menos nobres.

As mulheres têm sentimentos mais complexos, mais elaborados e estes possuem uma maior entidade na vida. Por outro lado as mulheres costumam ser mais concretas, mais práticas. Os sentimentos têm uma forte ressonância interior, mas na hora de resolver os problemas parece que as mulheres são menos dependentes dos sentimentos, talvez por que tenham de fato uma vontade mais forte.

Que nós não entendamos as mulheres, acho até razoável, pois somos meio burrões mesmo. Mas me parece que as mulheres às vezes poderiam entender um pouco melhor os homens, que é uma criatura bem mais simplória que as mulheres.

A história do cachorro da Kelly Key é bastante exata:

“sei que você não vive
Sem meus cuidados amor
Fala baixinho comigo
A sua dona chegou

Vem aqui que agora eu tô mandando
Vem meu cachorrinho a sua dona tá chamando(4x)

sit, junto, sentado, calado(2x)”

História do Lievin (bobão tímido, ainda que de nobres sentimentos), apaixonado e com um casamento feliz com a Ketty, mas que onde ocorre um princípio de sedução pela Ana Karenina, só por exercício do instinto e para criar ciúmes no Wronsky, sem que ela tivesse qualquer interesse no coitado.

Mina:, Ragazza Mia, son tanto ragile, fragile, manegiali con cura, fatti di briciole che l’orgoglio tiene su

Estudo de caso (real, contado pelo protagonista). Pergunta a namorada: você sente atração por outra mulher? O rapaz, que tinha feito para si mesmo o propósito de ser uma pessoa sincera acima de tudo, responde:

- Sim.
 - Por quem?
 - Pela fulana.
 - Em que circunstância?
 - Naquela assim assim da praia etc.
- Fim do namoro.

Analisemos, à luz deste caso, a questão da relação entre sentimentos, inteligência e vontade no homem (sexo masculino, especificamente).

Posso estar errado, mas parece-me que entre um homem normal e uma mulher bonita (atraente) existe uma "diferença de potencial" inevitável. A liberdade consiste em colocar ou não um isolante, e qual isolante, de modo a não romper (ou romper) o dielétrico.

Se o isolante é adequado, a convivência social entre homem e mulher é harmoniosa, não obstante a ddp.

Por exemplo, o pudor (muito mais que no vestir) e a cortesia. Nesse sentido, tratar o outro e a si mesmo como objeto é uma grande falta de educação, uma deselegância. O adultério, por exemplo, é uma grosseria, muito antes de ser algo contra uma ou outra lei, de Deus ou do estado. É, esteticamente falando, algo “feio”.

Esse é um processo de controle racional dos sentimentos (não necessariamente repressão mas educação e às vezes amplificação) onde a vontade entra, principalmente na disposição dos meios para que a relação se dê da maneira adequada - chegando eventualmente ao enamoramento e à união sexual, se for o caso.

Em princípio, todo homem normal é mulherengo. É a realidade das coisas. Ele manifesta ou não isso em função de diversos fatores. O **sentimento** em relação à mulher é de atração, e é capaz **sentimentalmente** de dividir esta atração entre várias mulheres.

Aí entra a **virtude**, mormente a da **castidade** (não tem nada a ver com celibato!), parte integrante da **temperança**. Indivíduo que leva em conta o contexto e é capaz de exercer um certo domínio sobre o sentimento.

Não quer dor de cabeça, por exemplo (**prudência**).

Ou por que procura se guiar por princípios morais c/ relação a Deus e a compromissos já assumidos (**justiça**). Vejam, há muitos homens que têm princípios (mesmo que naturalmente mulherengos). Há homens que são fiéis, heróicos e santos. Sim, eles existem! É possível!

Um dos aspectos interessantes é o “instinto de família”, que pode ser muito forte, mesmo no homem normal. Respeito ao marido e aos filhos da mulher que ele gostaria de conquistar (**justiça**).

Outras causas do homem não manifestar sua mulherenquice congênita: medo de ser rejeitado pela mulher (**falta de fortaleza**), a mulher não é suficientemente bonita (relação custo/benefício – vejam, estamos aqui filosofando, não se trata de machismo, mas de entendermos como funciona a realidade das coisas, ainda que a exposição tenha muitas inexatidões. É a **prudência** que pondera prós e contras).

- Outras razões: conveniência social, bom senso de não arrumar rolo, medo de sofrer (a menos que seja um completo canalha). Mas é mulherengo. Dizer que compra a playboy para ler os artigos é papo.

Esse é um caso em que a o sentimento tem uma tendência muito clara e muito forte, mas que a virtude é capaz de suprir.

Uma conseqüência prática disso é que as mulheres pelo menos sejam menos inconseqüentes no vestir-se ou no não vestir-se. Sempre atingem o homem, e às vezes duramente, inclusive o honesto e comprometido, que está se esforçando para não fazer besteira.

Corolário, que pode parecer óbvio, mas que muitas vezes a gente percebe que a coisa não funciona: a esposa precisa se cuidar para ajudar o homem a ser fiel, por que não é fácil. Não adianta a mulher dar bronca, ela tem que seduzir, enlouquecer o próprio marido (isso é virtude da castidade!). A mulher casada deve saber não só se cuidar fisicamente, mas aplicar por toda a vida a arte da sedução com o marido para o casamento ir para a frente. Isso não é submissão, machismo etc. É a vida como ela é.

Por outro lado, é interessante notar a importância da sociedade, dos costumes, da própria lei para regular os sentimentos, caso a virtude própria não seja capaz de suprir.

Um desses aspectos sociais é o cavalheirismo. (Na minha opinião) os homens devem tratar as mulheres como mulheres, e não como uma ficção chamada “ser humano” (e muito menos como “fêmeas”). Elas não são iguais aos homens, são melhores que os homens, e devem ser tratadas como tais³¹!

Leis que estabelecem alguma estabilidade ao matrimônio (ou dificuldade de dissolução), a pensão alimentícia, leis contra o assédio sexual no trabalho etc. fazem o cara pensar duas vezes antes de fazer bobagem. Daí também parte da crítica com relação ao casamento gay, pelo desprestígio, pela debilidade moral que essa figura introduziria na instituição do casamento normal.

Alguns limites do modelo clássico

Pode-se dizer que o modelo aristotélico não consegue explicar bem o problema do **apaixonamento** por uma **pessoa**. Este é um processo muito intenso que leva a uma profunda mudança de percepção da realidade, sem que essa percepção seja necessariamente falsa. O apaixonamento leva a um *esquecimento* permanente ou transitório das outras pessoas. As pessoas apaixonadas têm uma maneira própria de ver a realidade (óculos cor-de-rosa); pode-se dizer que ocorre uma forte distorção no campo da percepção afetiva, e mesmo no das ações externas³².

³¹ “Hoje, como sempre que os valores masculinos predominaram, o homem estima sua figura mais que a do sexo contrário e, conseqüentemente, cuida de seu corpo e tende a ostentá-lo.” Este defeito, apontado por Ortega y Gasset na Rebelião das Massas, ajuda a entender alguns comportamentos masculinos narcisistas, ridículos, comuns, mas injustificáveis.

³² O santo demonstra, muitas vezes, um comportamento paradoxal; mas deve-se lembrar que ele é um homem apaixonado por uma pessoa, por Jesus Cristo. O mesmo pode ocorrer pela pessoa do Pai, nas outras grandes religiões monoteístas com os místicos muçulmanos e judeus, que se apaixonam por Alá ou Javé.

Machado de Assis, Memorial de Aires, 25/jan, sobre o casal Aguiar, “Há neles alguma coisa superior à oportunidade e diversa da alegria alheia. Senti ali que os anos tinham reforçado e apurado a natureza, e que as duas pessoas eram, ao cabo, uma só e única.”

Com isso, um indivíduo historicamente mulherengo pode deixar de sê-lo quando se apaixona de verdade por uma mulher. Tem caras que até começam a trabalhar!

Essa é uma das limitações da antropologia aristotélica, que será melhor resolvida com estudos mais posteriores do conceito de pessoa, realizados pela filosofia personalista.

Na pessoa, é possível unir inteligência, vontade e sentimentos sobre um único e mesmo objeto. A pessoa é vista tal como é, e como tal é amada, com o sentimento do amor. Mas passando, sendo mediada, pela percepção racional do que uma pessoa é objetivamente, e como tal portadora de uma dignidade irreduzível.

Psicanálise ou confissão?

Num modelo Freudiano, o mulherenguismo seria o id, que é reprimido pelo ego (eu consciente, que incluiria a vontade, as virtudes e a inteligência) e pelo superego, pelas convenções sociais.

Surge já um primeiro problema, que é a redução de todo universo sentimental e afetivo à libido, à pulsão sexual, ao id.

Até aí, o modelo se aplica razoavelmente. O problema está no materialismo de Freud, que nega a liberdade: no fundo no fundo, apesar de todos os problemas, dificuldades, tentações, desânimos e tudo o mais, no centro do ser do homem está a liberdade, uma propriedade que deriva do aspecto não-material, espiritual, do homem. Que Freud e os materialistas negam, assim com a responsabilidade que deriva dessa liberdade, caindo num determinismo psíquico (crítica de V. Frankl, *Psicoterapia e sentido da vida*, Ed. Quadrante). O culpado, o responsável, o que tem mérito, sou eu mesmo. E pelo fato de que a liberdade existe de fato, o homem pode aspirar à excelência, ao *mais alto*, que *pode ou não se cumprir*, quer dizer, a vida em plenitude pode ser alcançada como pode não ser, levando à ruína vital do indivíduo, começando pela ruína do intelecto.

Quer dizer: na filosofia clássica, as inteligências, as virtudes (ego) e as convenções sociais (superego) modulam, sintonizam os sentimentos (id), não os recalcam, como em Freud. Justamente, Aristóteles diz que a “temperança (*sofrosine*) salvaguarda a prudência (frónesis) (Ética a Nicômaco, VI,5)”. E que “os homens costumam odiar a aqueles homens que se opõem aos seus impulsos, ainda quando o façam retamente, enquanto à lei não se atrai ressentimentos na hora de fazer o bem” (Idem, X,9) – dimensão política da

temperança. Em absoluto contraste com as teorias políticas de Reich ou Marcuse, que propõe um regime socialista com a moral do liberal geral.

Quer dizer, na ótica aristotélica, a redução do *ethos* (dever ser, e junto com ele todo restante da dimensão afetiva) à *physis* (ser fático, material) é um grande empobrecimento antropológico (para um estudo aprofundado sobre o assunto, ver Jacinto Choza, *Consciência y afectividad – Aristóteles, Nietzsche e Freud*, EUNSA, Pamplona, 1978).

Um outro aspecto interessante disso tudo é justamente a eficácia da psicoterapia/psicanálise. No meu entender, a psicoterapia pode resolver alguns problemas, desatar alguns nós que geram neuroses, mas não resolve o problema existencial do sentido último da vida e da morte.

Mas, de qualquer maneira, quando o indivíduo procura contar para o analista o que se passa no seu universo sentimental subjetivo, esse universo se torna objetivo, passível de uma análise racional. Assim, os problemas e conflitos podem até ser solucionáveis.

No campo moral, a prática cristã da confissão segue no mesmo rumo, mas com a característica que o penitente precisa distinguir claramente o que ele faz do que ele acha que é o certo, exige uma grande objetividade também nos princípios. O cristão ele não precisa concordar com as coisas que ele faz, pois encara com certa normalidade que faz objetivamente coisas com as quais não concorda, e por isso se confessa. Isso possibilita, entre outras coisas, manter a distância necessária entre o ser o dever ser, mantendo o ideal do dever ser no seu devido lugar, sem reduzi-lo ao que ele é na sua mediocridade fática. O arrependimento da confissão é muito mais intelectual do que sentimental. É cair em si, reiteradamente, que existe uma ordem moral acima dele que de fato o seu comportamento moral nunca chega lá. Nós temos a triste tendência de julgar os outros pelos seus atos a nós mesmos pelas nossas intenções. Precisamos de ordem moral objetiva, senão nunca melhoraremos de verdade!

No cristianismo existe o tempo todo uma tensão ética entre o ser o dever ser (uma tensão no sentido elétrico, uma diferença de potencial) entre nós e Deus (no caso, Cristo enquanto modelo ético fundamental, que é um homem que é Deus³³). É por isso que o materialista não entende a ética cristã, acha que é coisa de maluco, por que não concebe que possa haver essa tensão, por que na prática não concebe a própria existência de Deus do ponto de vista prático (vejam que esse é um problema extremamente atual que tem saído todos os dias no jornal).

Nenhuma proposta ética é na teoria mais elevada que a ética cristã. Por que parte de um modelo, de um vir-a-ser, de uma causa exemplar que é Cristo³⁴, que por sua vez é Deus. Não um Deus, mas o próprio Deus³⁵.

³³ Para Freud, o modelo, ou o “dever ser” é o dos portadores patologias psicológicas no campo sexual que ele tratava no seu consultório.

³⁴ É interessante notar o paradoxo de que o santo se sente invariavelmente um mísero pecador, enquanto o pecador se acha um sujeito super bacana, principalmente quando se compara com outros piores do que ele. É o problema da causa exemplar.

Cristo propõe um paradigma de perfeição “*extote perfectus*”, ao mesmo tempo que “Eu e o Pai somos um”. Por isso a moral cristã é tão exigente, pela pp. natureza do modelo, que por sua vez é *perfectus homo*³⁶.

Bom, estávamos falando do homem. E no da mulher? Fica para um curso de pós-graduação, quando um dia eu conseguir entender um pouco....

E as crianças? Como ocorre ao longo do desenvolvimento infantil a educação dos sentimentos? Qual o equilíbrio entre a espontaneidade sentimental e a educação nas virtudes para a criança? E como o convívio dos adultos com as crianças educa os próprios adultos? E quando os adultos se esquecem que são adultos e passam a se comportar como crianças³⁷? São assuntos que deixo para vocês pensarem...

De qualquer maneira, a concepção ética de Aristóteles tem um problema que é seu caráter um tanto fragmentário, demasiadamente analítico. Quebrar em pedacinhos os atos humanos em virtudes e tudo o mais. Certos aspectos do problema só foram resolvidos muito depois (sec. 20), quando se desenvolve melhor na filosofia o conceito de pessoa, que tem um caráter muito mais unitário, mais existencial, de totalidade, do homem e de suas relações. Será tema do próximo módulo.

Diferenças regionais, nacionais, históricas, sociais

Diferentes povos têm diferentes maneiras de pensar, de sentir e de expressar os próprios sentimentos. É muito interessante observar essas coisas.

Alemão: Dr. Fausto, Thomas Mann

Chinês: A boa terra, Perl Buck

Brasileiro: Macunaíma, Mário de Andrade

Italiano: Don Camillo, Guareschi

Espanhol: violento, fogo, entupido, olé!

Camilo Jose Cela, 1942, La Familia de Pascual Duarte:

“De pie, a mi lado, estaba Lola, sus pechos subían y bajaban al respirar...”

³⁵ Para os gregos clássicos o “padrão” de dever-ser ético eram os heróis dos poemas homéricos: Ulisses, Telêmaco, Heitor etc. Para uma análise aprofundada do tema, ver A. MacIntyre, Justiça de Quem? Qual Racionalidade? Caps. 2 a 4, Ed. Loyola, 1988.

³⁶ A psicologia do santo é um interessante tema de estudo. Realiza e sobrepassa o ideal de perfeição clássica, pois vive todas as virtudes morais (cardeais) e teologais em grau sumo (heróico, na terminologia ascética e canônica).

³⁷ “Hoje o homem e a mulher maduros vivem quase sobressaltados, com a vaga impressão de que quase não têm direito a existir. Advertem a invasão do mundo pela mocidade como tal e começam a fazer gestos servis. Desde logo, imitam-na no trajar. (Tenho sustentado muitas vezes que as modas não eram um fato frívolo, mas um fenômeno de grande transcendência histórica, obediente a causas profundas. O exemplo presente esclarece com exaustiva evidência essa afirmação). As modas atuais estão pensadas para corpos juvenis, e é tragicômica a situação de pais e mães que se vêem obrigados a imitar seus filhos e filhas na indumentária. Os que já andamos na curva descendente da vida vemo-nos na inaudita necessidade de ter de desandar um pouco o caminho percorrido, como se o houvéssemos errado, e fazer-nos – de grado ou não – mais jovens do que somos.”

Ortega y Gasset, Rebelião das Massas

-¿Y tú?
 -¡Ya ves!
 -¿Qué haces aquí?
 -¡Pues..., nada! Por aquí...
 Me levanté y la sujeté por un brazo.
 -¿Qué haces aquí?
 -¡Pues nada! ¿No lo ves? ¡Nada!
 Lola me miraba con un mirar que espantaba. Su voz era como, una voz del más allá, grave y subterránea como la de un aparecido.
 -¡Eres como tu hermano!
 -¿Yo?
 -¡Tú! ¡Sí!
 Fue una lucha feroz. Derribada en tierra, sujeta, estaba más hermosa que nunca... Sus pechos subían y bajaban al respirar cada vez más de prisa. Yo la agarré del pelo y a tenía bien sujeta a la tierra. Ella forcejeaba, se escurría... La mordí hasta la sangre, hasta que estuvo rendida y dócil como una yegua joven.
 -¿Es eso lo que quieres?
 -¡Sí!
 Lola me sonreía con su dentadura toda igual... Después me alisaba el cabello.
 -¡No eres como tu hermano... ! ¡Eres un hombre...!
 -¿Me quieres?
 -¡Sí!"

As próprias línguas de cada povo exprimem toda uma compreensão sentimental, seja pelo som, seja pelos significados que algumas palavras aglutinam:

Italiano: se utiliza o bello para falar de uma coisa boa: "che bello!". E feio para uma coisa ruim: "ma che brutta cosa!"; É um povo altamente estético, onde o bom é o belo.

Inglês: língua prática, para um povo prático.

Alemão: Aglutina palavras. Gosta de conceitos analíticos, tudo explicadinho. O oriental usa ideogramas, que são sintéticos e altamente dependentes de contexto.

Donaudampfschiffahrtkapitänswitwerente
 Donau – Danúbio
 Dampfschiff – navio a vapor
 Fahrt – viagem
 Kapitän – capitão
 Witwe – viúva
 Rente – pensão

Um aluno meu que morou na Alemanha se queixava muito da inabilidade sentimental dos alemães. Acho que é proverbial. Não será que não faltaria um conceito mais ambíguo, mais difuso, mas confundente do amor?

Quer dizer, o problema é complexo. O que fazer?

- Deve haver uma proporcionalidade entre o desencadeador do sentimento (sua entidade), o sentimento em si e sua manifestação externa. Não pode haver nem falta (fleumático) nem excesso (sentimental).
- Primeiro passo, é saber olhar a realidade e vê-la como ela é. Com realismo, do contrário a frustração é inevitável. Em geral, essa percepção vem com o tempo, mas pode ser abreviada, ou pode não vir com o tempo.
- Saber o tamanho do caminhãozinho. Não adianta, nenhum de nós aqui vai conseguir conquistar a Gisele Bunchem, até por que não conseguiríamos sustentar as despesas. Dificilmente alguém aqui vai ganhar o Nobel. Não adianta ficar frustrado por não ganhar...
- Saber colocar metas exigentes, acima das nossas capacidades, mas não impossíveis. Do contrário, a frustração pode tirar o “tesão” da coisa.
- Saber ironizar os próprios erros e frustrações, relativizar os sonhos e metas. Manter a serenidade quando quebramos a cara e nos frustramos. Não chutar o balde. Saber perdoar.

O livro do Yepes propõe alguns princípios interessantes sobre a valorização dos sentimentos:

- a) nem todas as realidades merecem um elevado nível de sentimento: temor, amor, apreço
- b) muitas realidades merecem sentimentos mais elevados do que temos em relação a elas
- c) Assim sendo, as coisas precisam ser valoradas ou re-valoradas convenientemente.

Como fazer uma valoração dos sentimentos, e de cada sentimento?

- Em geral, a duração é um indicador da elevação/profundidade de um sentimento, ao passo que a intensidade é menos significativa. Que homem ama mais uma mulher: aquele que tem uma paixão fulminante que depois de algum tempo se transforma em indiferença ou até repulsa, ou aquele é capaz de amar toda a vida, mesmo que daquela paixão fulminante pouco sobrou? Como o indivíduo que “adora” um assunto e pede para ser orientado, mas não acaba a tese. Ama mais o que pega um tema mais ou menos mas que defende a tese. Amamos profundamente nossos pais (espero), mas nem por isso estamos em contínuos sobressaltos emocionais com relação a eles.
- Não tomar atitudes baseadas apenas no sentimento, mas numa atuação conjunta deles com a inteligência e a vontade. Do contrário, não existe

liberdade (que é uma propriedade da vontade que se dirige ao bem que a inteligência – livre da própria vontade – mostra). Mas o homem é escravo dos sentimentos, dos estados de ânimo. Estou a fim não estou a fim. Não chega em lugar nenhum. É o infantilismo.

Manifestações exteriores dos sentimentos

Deve haver uma proporcionalidade entre as manifestações dos sentimentos, a intensidade e a importância de suas causas.

Um tema que sempre me intrigou é o futebol. Nada contra, muito pelo contrário. O indivíduo pode urrar como um condenado, bater, espernear, xingar, sofrer por causa de um jogo de futebol. Outra manifestação é o carnaval. Alguém é capaz de me explicar a gênese objetiva da euforia carnavalesca? Só por que o cara vai fazer montes de penitência na quaresma? Talvez isso tenha algo a ver com algum ritual de iniciação tribal, onde o indivíduo precisa mostrar um certo padrão de comportamento quase litúrgico para ser aceito no grupo social.... Não sei.

Existem dois grandes campos de manifestações dos sentimentos:

- Gestos e expressões corporais e faciais. Italiano mediterrâneo x mordomo inglês (ver, p. ex. Vestígios do Dia, Kazuo Ishiguro). Mãos, sobrancelhas, boca, movimentos de cabeça etc. que exprimem montanhas de sentimentos.
- Cultura: literatura, música, cinema, pintura etc. Deus nos livre de uma cultura sem sentimentos, desumanizada. Orwell, 1984. Tudo cinza, prático, ascético.

Dinâmica afetiva e harmonia psíquica

Para tentar concluir esta parte, vamos tentar fazer uma síntese do que falamos até agora na perspectiva do que realmente é importante para o homem: ser feliz.

A felicidade, o conforto existencial, o fato de estar contente pelo fato de existir, é a grande questão.

Há correntes filosóficas que identificam a felicidade com a consecução plena de aspectos parciais da existência. Magali e a comida. Cascão e a segurança em relação à água etc. Hedonismo, consumismo, eugenia etc.

Evidentemente, se estávamos até aqui dissecando os diversos aspectos das funções anímicas humanas, inteligência, vontade, sentimentos, subdivisões, relações entre eles e tudo o mais, não concordamos com esta tese unilateral.

A questão fundamental, para nós, é que a felicidade pressupõe uma *harmonia* do ser humano, um *equilíbrio dinâmico* entre todas essas coisas, onde cada

uma faz o seu papel da melhor maneira possível e sem querer tomar o lugar uma da outra.

Na filosofia grega a harmonia é talvez a principal nota da *beleza*. O nariz, a boca, os olhos, o cabelo. Se uma mulher tem um narigão do Cirano de Bergerac, ferrou. Só o Pintangui para dar jeito.

A harmonia da alma está intimamente relacionada à beleza das ações humanas. “Bonito, eim? Viu o que você fez? Viu?”

Todo o problema da ética é de certo modo um problema estético. E da mesma maneira que a beleza física pode produzir uma fruição, uma satisfação, o mesmo se pode dizer da conduta ética. Mas vamos ver isso mais para a frente.

Nesta síntese harmônica, quem deve mandar em todo o processo é a razão. Cum Logos, como dizia o papa Bento 16 no famoso discurso na Universidade de Ratisbona. A caca máxima é quando quem manda são os sentimentos, e a vontade e a razão se tornam instrumentos da satisfação sentimental do sujeito.

De qualquer maneira, podemos falar de uma harmonia *exterior* e *interior* do homem.

Exterior: necessidade de um (ou alguns poucos) princípio unificador, que dão sentido a todo o resto. Carreira profissional, formar uma família, o amor a Deus e ao próximo (não é à toa que na tradição bíblica, são os dois primeiros mandamentos de um conjunto de proposições éticas).

Interior: A nossa vida recebe um sem-número de influências externas, de elementos biológicos, genéticos, sociais, profissionais, nacionais, psicológicos, biográficos etc. que ele trás sempre consigo, não tem jeito. É o que o Yepes chama de *síntese passiva*, ou o *inconsciente* freudiano.

Para tentar que essas coisas estejam encaixadas de maneira harmônica, na vida de cada um, há essencialmente três linhas de ação:

a) Resposta técnica: ferramentas da psiquiatria e da psicoterapia. Propiciar à pessoa um ambiente adequado, lazer, relaxamento, convivência, etc.

Possibilidades: um indivíduo fisicamente são, que entra numa crise por problemas e traumas sentimentais mal resolvidos.

Ou o indivíduo que possui distúrbios psicológicos/psiquiátricos, e como consequência mostra uma distorção da percepção e dos sentimentos. Como o sujeito depressivo que acha que as pessoas não gostam dele. É uma percepção inteiramente subjetiva, influenciada pela própria doença. Sem falar nas alucinações esquizóides etc.

De uma maneira ou de outra, esses recursos técnicos são perfeitamente válidos, mas não são a solução do problema. Como quase tudo na vida, a

melhor coisa é trabalhar antes, na educação dos sentimentos, que vamos ver daqui a pouco.

b) Resposta racionalista/voluntarista

É estabelecer um conjunto de princípios ou código de conduta racional, ou buscar isso através da “ciência”, da lei etc.

A base desse tipo de posição é em geral de origem materialista. O santo laico. Marxismo, positivismo, cientificismo etc.

Tipicamente militar. Kant, Espinosa, alguns tipos de empresa capitalista.

Houve também uma influência desta mentalidade na educação católica, que em alguns tempos era um tanto repressiva, negativa, centrada no pecado e não na beleza da conduta boa. Hoje em dia essa mentalidade foi substituída pelo seu oposto, o vale tudo.

Evidentemente, essa mentalidade racionalista/voluntarista não funciona. As pessoas são humanas, e precisam estar contentes para trabalhar. Precisam fazer o gostam e gostar do que fazem. O verdadeiro líder é o indivíduo que consegue fazer as pessoas trabalharem contentes, isso é principal.

c) Humanismo clássico/cristão

É necessária uma *educação sentimental*. Algo que se faz primordialmente no seio da família (daí a importância desta instituição, mas este é um outro assunto), mas também na escola e nas comunidades religiosas.

Quer dizer: educação não é só de conteúdos objetivos, racionais, mas também da vontade e dos sentimentos. Uma educação que deve ser personalizada, em função das tendências inatas de cada um e de toda a síntese passiva. Por exemplo, um indivíduo tímido deve ser educado para se soltar, o colérico para controlar a sua ira, etc.

Esse processo pedagógico deve ter necessariamente uma dimensão dialogal. O educador precisa aprender a ser uma pessoa receptiva, e o educando a se abrir, manifestar seus sentimentos. Até como uma catarse, por que a vida é dura, os problemas são complexos.

Cálice, Gilberto Gil e Chico Buarque

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca resta o peito.

Tudo isso que estamos falando possui também um eixo no tempo. Podemos dizer que existe uma dinâmica e uma história dos sentimentos na vida de cada pessoa.

Uma dinâmica de prazos relativamente curtos: por exemplo, todos sabemos que um homem pode se apaixonar perdidamente por uma mulher, e depois de um tempo aquela paixão é uma recordação no fundo do baú. Ficamos bravos e depois acalmamos.

É uma grande sabedoria perceber esses ritmos vitais, essas constantes de tempo dos sentimentos, e saber esperar, e quanto esperar, para que as nossas impressões sobre as coisas se estabilizem, e as enxerguemos com objetividade.

Ou o indivíduo que não tem capacidade de esquecer, que é fundamental para a felicidade. Problema da incapacidade de perdoar, do ressentimento; o sujeito que permite que o seu "inimigo" tome conta do seu mundo interior. Mau negócio.

Ao mesmo tempo, as decisões que tomamos ao longo da vida condicionam a nossa biografia, nossa história e evidentemente o nosso presente. Decisões baseadas apenas em sentimentos passageiros podem fazer muito estrago nas nossas vidas a longo prazo.

Diria que o 1º passo é saber desconectar o que a gente pensa do que a gente faz. Desistimos tentar de justificar racionalmente aquilo que **queremos** fazer. 2º passo é reconectar o que a gente faz com que a gente pensa, depois de ter pensado seriamente no problema. E sabermos conviver com o fato de que quase sempre não temos razão, seja nos nossos pobres raciocínios, seja nas nossas ações. A realidade é como é, não é matéria plástica que se amolda à nossa maneira de pensar, ainda que tantas vezes nos enganemos.

Suzanna Tamaro, "Vá onde teu coração te mandar": história da vida de uma mulher idosa e doente, e as conseqüências duras que resultaram de decisões equivocadas ao longo da vida, ou de usar pouco a cabeça e muito o coração.

A alternativa agostiniana e a primazia da vontade no agir moral³⁸

Os estóicos admitiam uma lei natural universal. "justiça e injustiça devem ser definidas em termos de obediência e desobediência a essa lei suprema que vigorou antes de todos os séculos antes que qualquer lei escrita ou cidade-estado existisse - Cícero, de Legibus, 1, 6, 19"

A inteligência deve ordenar as ações segundo uma hierarquia, universal por certo, mas onde o outro, que está fora da família e da polis era realmente outro, objeto de certa benevolência, nada mais.

³⁸ Este item foi baseado no Cap. 9 de Justiça de quem?Qual Racionalidade? De MacIntyre, "A alternativa agostiniana"

Algo semelhante ocorria com o judaísmo, onde a usura era permitida aos estrangeiros, mas não aos próprios judeus (Deuteronômio).

Ok, é para tratar bem todo o mundo, mas para o estranho não se "deve" nada, no máximo dizer onde fica a rua x.

O cristianismo amplia o âmbito do que devemos ao próximo, principalmente quando o próximo é pobre e oprimido.

"a apreensão intelectual completa da forma da justiça não é por si só suficiente para gerar a ação correta."

Na realidade, a apreensão intelectual depois do cristianismo tem por objeto primordial Deus, a contemplação de Deus (até aí isso é grego).

Mas Deus que se revela no seu rosto humano, em Cristo. Assim, a contemplação leva à identificação com o ser contemplado e amado, com a pessoa e a vida de Cristo.

Desde Aristóteles o bem é considerado aquilo que todos procuram para ter a felicidade.

O grande problema é saber qual é o verdadeiro bem. Desejamos tantas coisas, muitas excludentes entre si, e mesmo que saciadas, não aplacam o desejo mais profundo de felicidade do homem (Confissões).

Aí entra a vontade, para dirigir e ordenar os desejos humanos.

O grande engano para Agostinho é considerar-se a si mesmo como próprio bem: egoísmo, ou a soberba (superbia).

"Como deve ser explicada a incapacidade de alguém que sabe o que é melhor fazer, mas no entanto não age de acordo com o que sabe?"

Para Sócrates, Platão e Aristóteles, essa incapacidade se deve a um "déficit cognitivo" - uma falta de conhecimento, de educação intelectual, por uma falha na avaliação do bem no caso concreto (imprudência) ou por uma falta de disciplina das paixões (agir sob forte emoção, sentimentos).

Para Agostinho, admitindo as anteriores, existe uma outra possibilidade, que está no centro da ação moral, que é o fato do sujeito saber perfeitamente o que está fazendo, sem ter nenhum influxo fora do comum das paixões, mas que faz o mau deliberadamente, por um mal direcionamento da vontade. Vontade que em si mesma não tem nenhuma razão para as suas determinações. Como dizia Jânio Quadros, "fi-lo porque qui-lo".

Quem manda no fim das contas é a vontade, inclusive no próprio processo cognitivo. A inteligência é o maridão que dá a última palavra nessa casa: sim senhora.

Porém, para Agostinho, a vontade humana é intrinsecamente incapaz de dirigir-se espontaneamente ao bem, por causa do pecado original (vemos aí dois fatores históricos interessantes, um precedente, o pelagianismo, e outro conseqüente, Lutero, monge agostiniano, mais de 10 séculos depois).

O que redirige a vontade para o verdadeiro bem é a graça divina, que por sua vez "deve" ser aceita livremente pela vontade.

A verdadeira liberdade é aceitar a graça divina, e a escravidão ou vício fundamental é não fazê-lo, a soberba. A humildade é a virtude que possibilita aceitar a graça divina e alcançar a verdadeira liberdade.

Assim, a verdadeira justiça deve estar permeada de humildade. E a principal justiça é a que se deve a Deus, a obediência, por exemplo aos seus mandamentos. E também aos fatos concretos da nossa vida cujo controle nos escapam³⁹.

Por outro lado, a *reta ratio agibilter*, a prudência, tem uma função retrospectiva, buscando uma justificação racional da ação já tomada à luz da fé. Assim, para Agostinho, a fé precede a razão.

As concepções agostiniana e Aristotélica se diferenciam com relação a algumas questões derivadas importantes. MacIntyre enumera quatro:

- 1 O cidadão político da polis aristotélica é um membro da elite, no sentido moral, político e sexual (exclui as mulheres). Na *Civitas Dei*, todos são cidadãos e responsáveis pelo conhecimento e vivência dos princípios morais.
2. Aristóteles não inclui a caridade e a humildade no catálogo das virtudes. O tipo humano mais elevado para Aristóteles é o magnânimo, e para Agostinho é o santo.
3. A escolha moral para Aristóteles depende da razão, do sentimento e do apetite. Para Agostinho o núcleo do problema está na vontade.
4. Para Agostinho, o verdadeiro destino humano é transcendente, assim como o homem tem uma alma criada por Deus. O jogo que está sendo jogado na existência moral humana tem um público e um troféu celestes.

³⁹ “Este modo de ver las cosas encierra cierta parte de verdad: a veces hay limitaciones que es preciso remediar, barreras que hay que salvar para conquistar la libertad. Pero contiene también buena parte de engaño que deberíamos desenmascarar, so pena de no gustar jamás de la verdadera libertad. Incluso aunque desapareciera de nuestras vidas todo cuanto creemos que se opone a nuestra libertad, no existiría garantía de acabar consiguiendo esa plena libertad a la que aspiramos. Cuando superamos unos límites, siempre aparecen otros detrás. De ahí el riesgo -en caso de detenerse en la situación descrita- de encontrarse inmerso en un proceso sin fin, en una permanente insatisfacción. Nunca dejaremos de tropezar con obstáculos dolorosos. De algunos de ellos podremos librarnos, pero sólo para topamos con otros más firmes: las leyes de la física, los límites de la naturaleza humana o los de la vida en sociedad...” Jacques Philippe, *A Liberdade Interior*.

Quando e como essas duas grandes visões de mundo se conciliam e se unificam num único esquema de pensamento? Na universidade do séc XIII, com S. Tomás e a escola dominicana em geral.

Não me parece possível afirmar que Agostinho é um upgrade cristão de Aristóteles (ou mais propriamente de Platão), mas um pensador original com forte influência cristã, que por sua vez está longe de esgotar as possibilidades do cristianismo.

A síntese tomista a respeito da vontade

Ampliando tanto a visão aristotélica intelectualista quanto a agostiniana voluntarista, podemos falar, seguindo S. Tomás, em três acepções do termo vontade:

Uma primeira, que **não corresponde** propriamente à noção de vontade que queremos estudar, é a força de vontade, que corresponde a uma parte uma virtude moral, da fortaleza. A faculdade da vontade não corresponde às reais possibilidades internas ou externas que o indivíduo tem de alcançar aquilo que ele quer.

Ou seja, podemos querer coisas inalcançáveis, seja pela nossa incapacidade intrínseca (morar na Vieira Souto com salário de professor) ou pela própria impossibilidade física do desejo (círculo quadrado, bilocação, curar-se de um câncer incurável, trazer o amor de volta com base em mandinga etc.)

Até aí a liberdade não entrou propriamente no jogo. Estamos falando de meras possibilidades ou impossibilidades teóricas.

A concepção de vontade que queremos expor não consiste em ter “boa vontade”, entendida como “boa intenção”; do ponto de vista ético, isso tem pouca importância:

“Entre as conseqüências do pecado original está, antes de mais nada, o ofuscamento da consciência. A sua voz pode ser sufocada, ou bem ser errônea. Não basta realmente "seguir a própria consciência": é certo que o próprio Hitler a seguiu, como demonstra o seu "testamento político" escrito no bunker poucas horas antes do fim. Posto diante da morte, escrevendo na presença de um "Deus" no qual diz crer, de nada se arrepende, de nada pede perdão; ao contrário, lamenta apenas que um destino adverso lhe tenha impedido de levar ao triunfo mundial projetos pelos quais era convencido de agir como "instrumento da providência". A sua "boa fé", a sua "boa consciência" eram inegáveis, portanto... “ Pg. 72, Vittorio Messori, Quache ragione per credere

S. Tomás (S.Th. I-II, q.10) fala em duas, que correspondem à faculdade humana propriamente:

Vontade de meio (voluntas consiliativa, voluntas ut ratio), que corresponde à livre escolha dos meios mais adequados para conseguir um fim. Eu quero pegar o metrô para ir à praia em Copacabana.

Vontade de fim (simplex voluntas, voluntas ut natura), que é o bem em si que o indivíduo deseja: ir à praia, independentemente se vai de carro, ônibus, metrô, bicicleta etc.

Ou seja, a **vontade É SEMPRE LIVRE, na sua escolha do fins e dos meios para atingir o fim**. Pode acontecer de um e/ou outro serem na prática inalcançáveis ou inviáveis. Podemos querer algo impossível, mas queremos livremente e queremos mesmo.

Mas a coisa querida ou os meios que queremos dispor para alcançar o fim podem ser a favor ou contra a razão (tomada com bem real do homem)

É a partir desse ponto que uma ação humana pode ser boa ou má, na medida em que ela é segundo a razão, em que ela edifica ou degrada o homem, seja no seu fim (ut natura) seja nos meios escolhidos para atingir o fim (ut ratio).

Essa visão tomista é plenamente compatível com a concepção clássica da ética, que leva em conta a totalidade do ato moral, exigindo simultaneamente a bondade dos fins e dois meios. Evidentemente, esta concepção moral se afasta do utilitarismo/consequencialismo e da moral axiológica/legalista.

Isso independentemente da ação ser levada a cabo ou não. Ou seja, um ato mau malsucedido é mau. Desejar o mau para alguém é mau, é um ato livre e imoral, mesmo que o ato não seja efetivamente levado a cabo.

Algo diferente é o mal tolerado quando inevitável para atingir um bem maior (voluntário em causa ou ação de duplo efeito⁴⁰). Efeito colateral. Guerra justa: pode visar destruir o inimigo não por destruir, mas para se proteger a si mesmo dele, o que pode implicar na sua destruição.

É fundamental saber afirmar a independência de âmbitos entre a inteligência e a vontade⁴¹. Aristóteles não o fazia claramente, mas pelo menos mantinha a autonomia da inteligência com relação à vontade, preservando a inteligência, sem a qual a própria vontade fica aprisionada em si mesma, sem possibilidade de sair.

Voltamos aqui ao problema da coerência entre o pensamento e a ação/vontade, quando o que deveria haver é justamente o contrário, ou seja, entre a ação e o pensamento. E, ainda assim, deve-se respeitar também nas suas ações concretas os indivíduos que não pensam como ele (a menos de casos extremos).

A maior tragédia cognitiva da modernidade moderno é torcer o pensamento (verdade) para se adaptar ao que o indivíduo quer. E maior tragédia ainda é

⁴⁰ Uma defesa da adoção prática deste princípio no atendimento de doentes terminais: Troug, R.D., End-of-life care: is euthanasia the answer?, Intensive Care Medicine, 32, 6-8, 2006.

⁴¹ Um exemplo notável de corajosa independência da inteligência com relação à vontade, muitas vezes fraca, é a vida do escritor brasileiro Nelson Rodrigues (ver O Anjo Pornográfico, Rui Castro, Ed. Companhia das Letras).

quando o indivíduo quer mudar o mundo, coletivamente, transformando a realidade na marra: ideologia, totalitarismo etc. Veja-se por exemplo a "Revolução Cultural" de Mao na China (ver Jon Halliday e Jung Chang, Mao: a história desconhecida, Companhia das Letras). A mudança de mentalidade e de atitude deve ocorrer, sim, mas principalmente no âmbito pessoal. Também no coletivo, através do debate democrático (ver Bento XVI, Discurso de Ratisbona, 2006).

Como formar a liberdade? Como deve ser uma pedagogia para a ética?

Por um lado, formar a prudência, para que o indivíduo consiga discernir o verdadeiro bem, a reta razão em cada caso prático (ensino).

Mas exige também a educação do caráter (importância da família e das situações próprias a que o sujeito é exposto no âmbito familiar).

Essa educação pode ser protagonizada só até certo ponto pelo educador (pais ou mestres): ensinar, mostrar, explicar, distinguir, iluminar o caminho, apontar os erros, premiar, castigar etc.

A educação deve levar em conta todos esses aspectos: formação da inteligência com conhecimentos objetivos e métodos críticos, formação dos sentimentos e do senso estético/artístico e formação da vontade, e da sua capacidade habitual de decidir bem (caráter), da administração da liberdade com responsabilidade.

Mas na formação do caráter, do bom uso da liberdade, cada pessoa é o seu último e definitivo educador. A coação é o pior dos educadores. A liberdade humana é algo sagrado que o próprio Deus respeita. Mas as circunstâncias e vicissitudes da vida.

“Mas liberdade – aposto – ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer.” (pg. 233), “Por que aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca...” (pg. 443), João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas

Por outro lado, os atos do homem nem sempre são voluntários, por diversos motivos. Ou são parcialmente voluntários, sendo o homem parcialmente responsável por eles.

Causas que tornam um ato involuntário (total ou parcialmente):

- Violência (só afeta os atos que são ou seriam efetivamente realizados - atos ilícitos. Não o ato interior da vontade - no caso do mártir, nenhum poder lhe pode aderir ou deixar de aderir ao que ele não quer)
- Medo: não tira liberdade, mas atrapalha
- Concupiscência: forte paixão ou sentimento pode privar a liberdade
- Ignorância

- Vencível (não tira a voluntariedade)
- Invencível (tira a voluntariedade e portanto a responsabilidade)

Pois bem, esses fatores podem tirar ou diminuir a liberdade. E devem ser levados em conta na avaliação moral dos atos⁴².

De qualquer modo, deve-se ter em conta que a grande escravidão do homem é quando ele é escravo de si mesmo, dos seus sentimentos. Especialmente, se eles estiverem contra o bem do homem tal como apreendido pela inteligência.

A liberdade não consiste em fazer todas as nossas vontades, mas em ser capaz de fazer a nossa vontade, iluminada pela inteligência. Liberdade absoluta significa uma vontade absoluta e tirana, que não é mediada pela inteligência da consciência moral. A vontade é a faculdade humana determinante do ato humano, que o caracteriza como passível de sanção ética/moral.

⁴² S. Th. I-II, q. 10 3. La voluntad no sólo se mueve por el bien universal aprehendido mediante la razón, sino también por el bien aprehendido mediante los sentidos. Y, por tanto, puede moverse hacia un bien particular sin pasión del apetito sensitivo. Realmente queremos y hacemos muchas cosas sin pasión, sólo por elección, como queda bien claro en aquellas cosas en las que la razón se opone a la pasión.